

JOSÉ LUÍS BRANDÃO
FRANCISCO DE OLIVEIRA
(COORD.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

HISTÓRIA DE

RO

MA

ANTIGA

VOLUME II

IMPÉRIO ROMANO
DO OCIDENTE E
ROMANIDADE
HISPÂNICA



7. OS ANTONINOS: O APOGEU E O FIM DA *PAX ROMANA*

Deivid Valério Gaia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de História

ORCID: 0000-0001-7818-3503

dvgaia@hotmail.com

Sumário: O apogeu e o início do declínio do Principado romano. A época de ouro do Império Romano. O mito da adoção do melhor. Uma dinastia Hispânica. Nerva e a cisão com o período de Domiciano. Nerva (96-98). A sucessão imperial de Nerva a Trajano. Trajano (98-117). A sucessão imperial de Trajano a Adriano. Adriano (117-138). A sucessão imperial de Adriano a Antonino Pio. Antonino Pio (138-161). A sucessão imperial e os dois herdeiros de Antonino Pio. Marco Aurélio e Lúcio Vero (161-169) e, então, Marco Aurélio (169-180). A sucessão imperial de Marco Aurélio a Cômodo. Cômodo (180-192). O final da dinastia Antonina. A perspectiva senatorial e o retrato da dinastia Antonina.

1. O apogeu e o início do declínio do principado romano

A dinastia Antonina foi a terceira do Império romano. Teve sete soberanos entre 96 e 192 d.C.: Nerva (96-98), Trajano (98-117), Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161), Marco Aurélio (161-180), que governou conjuntamente a Lúcio Vero (161-169), e Cômodo (180-192). Essa dinastia corresponde ao apogeu do Império; a grandeza desse período foi evocada pelos escritores da época, sobretudo por Plínio, o Jovem, em seu *Panegírico a Trajano*¹ e por Élio Aristides em seu famoso discurso *Elogio a Roma*², na época de Antonino Pio.

¹ Plin. *Pan.* 1.

² Arist. *Or.* 26.11.

O século II d.C. foi um período de renascimento cultural, que contribuiu para que fosse denominado como o século de ouro ou o século dos imperadores Antoninos. Por que o nome de Antonino Pio foi utilizado para caracterizar a dinastia? Ele foi o pivô da dinastia e se seu nome foi escolhido para representá-la, foi porque ele reagrupava as qualidades dos diferentes príncipes Romanos e, na própria Antiguidade, por Marco Aurélio, em suas *Meditações*³, Antonino Pio foi considerado o melhor, dotado de uma grande equanimidade⁴ e senso de justiça.

O principado dos Antoninos foi representativo de uma época de grande prosperidade, a dinastia foi imortalizada como o período áureo da *pax* e da *libertas* romanas. Na Itália e nas províncias, conheceu-se uma administração imperial muito próspera, na qual o *consilium principis* passou a ter um papel importante, e os membros da ordem equestre foram notadamente beneficiados. Durante a época de Trajano, o espírito expansionista romano levou o Império à sua máxima extensão territorial com a conquista da Dácia, da Pártia, da Mesopotâmia e com a anexação do reino Nabateu de Petra. A exploração das minas de ouro da Dácia enriqueceu o Império. As províncias prosperaram, ao passo que a Itália continuou seu declínio e, aos poucos, foi provincializada. Houve uma maior unificação legislativa e facilidade para obtenção do direito à cidadania. Os provinciais tiveram um grande espaço de poder no seio das ordens dirigentes de Roma, pois vários dos imperadores dessa dinastia eram de origem provincial. Houve uma intensificação urbana e um grande enriquecimento das elites, quadro que criou melhorias econômicas para o conjunto do Império.

No entanto, esse período também representou o início da derrocada da *pax romana*, pois as guerras defensivas passaram a ser mais constantes e extremamente onerosas aos cofres públicos. Adriano e Antonino Pio construíram muralhas defensivas no norte da Britânia. Marco Aurélio e Cômodo empreenderam uma difícil guerra contra os Partos e contra os Marcomanos, em um contexto militar e econômico difícil, marcado pela falta de efetivos e pela escassez de recursos financeiros. A partir da morte de Marco Aurélio, o Império Romano caminhou, paulatinamente, para um período de crise militar e econômica que modificou para sempre os rumos de sua história, abrindo as portas para a crise do século III e, logo depois, para a Antiguidade Tardia.

A forma como lidaram com o poder imperial não se distinguiu muito da época de Augusto, embora a historiografia insista naqueles que respeitaram as prerrogativas senatoriais – como Nerva, Trajano, Antonino Pio e Marco Aurélio – e aqueles que desdenharam essas prerrogativas, como Adriano e Cômodo. O respeito às prerrogativas senatoriais foi decisivo na forma como esses imperadores foram retratados pela historiografia tradicional romana, fortemente influenciada pela ideologia senatorial; dessa forma, enquanto os amigos do

³ M.Aur. *Med.* 6.30.

⁴ Segundo o autor da *Historia Augusta* (Ant. P. 12.6.), a última palavra de Antonino Pio foi *aequanimitas* – equanimidade.

senado tiveram a chance de serem bem retratados, os inimigos não o foram. Essa dinastia, em grande parte, repousou sobre o equilíbrio entre o poder civil e militar e ficou conhecida como a dinastia da “adoção do melhor”, um mito que até hoje ronda a historiografia.

2. A época de ouro do Império Romano

A dinastia Antonina é, indubitavelmente, a mais elogiada pelos autores antigos e modernos e é vista como a época de ouro do Império Romano⁵. “*O universo se tornou uma cidade única*”, escreveu Élio Aristides, no principado de Antonino Pio, e ainda acrescentou, “*O mundo inteiro está em festa, pois deixou seus armamentos para se abraçar à alegria de viver*”⁶. O autor da *História Augusta* escreveu que a época de Antonino Pio foi marcada pela preservação da felicidade, da piedade, da tranquilidade e da religiosidade. O Imperador vivera sem quase derramar sangue civil ou de inimigos⁷.

Para se compreender o sucesso da dinastia Antonina é imprescindível que se conheça o período que a antecede, pois seu êxito funciona, também, como contraponto ao principado de Domiciano⁸. Domiciano, vítima de assassinato em uma conspiração palaciana, foi um imperador muito controverso. Tácito descreveu seu principado como quinze anos de tirania⁹. Nesse sentido, a época dos Antoninos tinha que ser diferente e deveria assegurar valores que, *a priori*, não existiam na época do predecessor: a liberdade e a paz.

Os imperadores Antoninos não foram somente elogiados pelos seus coetâneos e, posteriormente, na própria antiguidade, mas se tornaram modelos para os príncipes modernos. Em Portugal, no início do século XX, Júlio de Castilho dedicou ao príncipe herdeiro, D. Luís Felipe de Bragança, um livro sobre a grandiosidade do principado de Trajano¹⁰. Os principados de Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio também marcaram Maquiavel, que cunhou, em 1503, a expressão “dinastia dos cinco bons imperadores”¹¹. No

⁵ Schiavone 2005 15-31.

⁶ Arist. *Or.* 26.11.13.

⁷ *Hist. Aug. Ant. Pius* 13.4.

⁸ Os historiadores da Antiguidade são unânimes em colocar o principado de Domiciano no mesmo patamar dos principados de Calígula, Nero e Heliogábalo - ou seja, os “maus” imperadores. Suet. *Dom.* 23. Um antonino também foi inserido nessa lista: Cómodo, que será apresentado posteriormente.

⁹ Tac. *Agric.* 3. Vide atrás, cap. 5, Rodrigues §3.

¹⁰ Castilho 1906. Gaia 2010.

¹¹ Para Maquiavel, esses cinco bons imperadores não precisaram de coortes pretorianas ou de incontáveis legiões para guardá-los, porque eram defendidos pelo bom modo como viviam, pela boa ligação com o senado e com o povo: Maquiavel 1883 1.10.

século XVIII, o historiador inglês Edward Gibbon fez um célebre louvor à época dos Antoninos que marcou para sempre a historiografia moderna:

“Se fosse mister determinar o período da história do mundo durante o qual a condição da raça humana foi mais ditosa e mais próspera, ter-se-ia sem hesitação de apontar a que se estende da morte de Domiciano até a elevação de Cômodo. A vasta extensão do Império Romano era governada pelo poder absoluto sob a inspiração da virtude e da sabedoria. Os exércitos foram contidos pela mão branda mas firme de quatro imperadores sucessivos cujo caráter e autoridade suscitavam respeito involuntário. As formas da administração civil, cuidadosamente preservadas por Nerva, Trajano e Adriano e os Antoninos, justificavam a imagem de liberdade em que eles se compraziam, considerando-se ministros responsáveis perante as leis. Tais príncipes mereceriam a honra de restaurar a república, tivessem os Romanos de sua época sido capazes de desfrutar uma liberdade racional.”¹²

Esse testemunho de Gibbon, por mais elogioso que seja, está inserido no combate do autor aos problemas de seu próprio tempo: a Igreja, o Estado, etc. Embora não se abordem, aqui, as questões intrínsecas ao seu contexto, cabe ressaltar que o testemunho desse historiador com relação ao século II d.C. influenciou vivamente os historiadores posteriores que se debruçaram sobre esse período (e sobre outras épocas também, notadamente, no que se refere ao fim do Império Romano). Dessa forma, ele contribuiu, ainda mais, para que o período ficasse conhecido como a época de ouro.

Os autores que escreveram na própria época Antonina, todos fortemente marcados pela ideologia senatorial, como Tácito, Aristides, Plínio, Suetônio e Plutarco (mais tarde Dión Cássio e Herodiano), ao criticarem seus predecessores – Tibério, Calígula, Nero e Domiciano, etc. -, coroavam a sua própria época com os louros da liberdade e da paz, estabelecidas entre o imperador e o senado. Nesse sentido, quando se lê a produção literária concebida no período antonino, pode-se conhecer as justificativas que motivaram Gibbon a tecer tamanhos elogios. Há de se notar que os elogios à dinastia Antonina são quase um *topos* na historiografia. Não obstante, hoje, o acesso a uma documentação mais variada e a formação de opiniões diversificadas apresentam essa época com mais complexidade, sobretudo quando se parte de uma perspectiva na qual se questiona a tradicional mentalidade senatorial romana que selecionou o que dizer sobre esses imperadores, alguns vistos como bons e outros como maus.

3. O mito da adoção do melhor

Essa dinastia é conhecida, de modo geral, pelo termo (ou mito) da “adoção do melhor”, pois acreditava-se que o imperador deveria adotar, como herdeiro,

¹² Gibbon 1989 87.

“o melhor” dos homens de Roma para ser seu sucessor; esse foi o caso, aparentemente, de quase todos, exceto o de Marco Aurélio. Nerva inaugurou a famosa adoção do melhor ao adotar Trajano, e por isso foi louvado por Tácito. Trajano, por sua vez, adotou seu primo de segundo grau, Adriano. Adriano adotou Antonino Pio. Este, a pedido de Adriano, adotou dois, o filho de Élio César, Lúcio Vero - que na ocasião ainda era criança - e o sobrinho de sua esposa, Marco Aurélio - que na ocasião tinha dezessete anos. Marco Aurélio foi o único que teve um herdeiro direto: Cômodo. O quadro, portanto, parece perfeito para se pensar na adoção do melhor.

Maquiavel e Gibbon, em suas respectivas épocas, viram a “adoção do melhor” com bons olhos. Defendiam que nesse procedimento se repousava a grandeza dessa dinastia, pois esses imperadores, à exceção de Marco Aurélio, repudiaram o princípio da herança dinástica. A grande prova do fracasso da instituição dinástica hereditária para Maquiavel, Gibbon e outros historiadores, foi o exemplo de Domiciano, filho de Vespasiano, que mergulhou Roma em uma longa tirania de quinze anos. Segundo Maquiavel e Gibbon, a frustração do poder hereditário na dinastia Antonina se mostrou, uma única e fatal vez, com a sucessão de Marco Aurélio. Não se pode esquecer que Cômodo é o único que, talvez pela razão de “não ser o melhor”, não faça parte da lista dos bons imperadores. Em 1503, quando escreveu seu livro sobre a primeira década de Tito Lívio, Maquiavel pronunciou-se sobre a adoção imperial da seguinte forma: “todos os Imperadores que ascenderam ao trono por nascimento, exceto Tito¹³, foram ruins. Já os que ascenderam ao trono por adoção foram bons, de Nerva até Marco Aurélio. Mas tão logo o Império caiu novamente nas mãos dos herdeiros por nascimento, sua ruína começou.¹⁴” Aqui, ele se refere, claramente, a Cômodo.

No entanto, embora haja tantos estudiosos obstinados a ver na adoção do melhor a chave da grandeza dos Antoninos, cabe ressaltar que a adoção imperial não foi uma invenção desses soberanos. Outros, que não tiveram descendentes diretos, também se valeram da adoção imperial, como por exemplo: Augusto, que adotou o filho de sua esposa Lívia, Tibério; e Cláudio, que adotou seu enteado, o filho de Agripina, Nero. Pode-se dizer que os adotados não eram “os melhores”, mas não se pode defender o contrário, com segurança, para a época Antonina. Na transição da República para o Império, o próprio Júlio César adotou seu sobrinho, Otaviano, que mais tarde tornou-se o primeiro imperador de Roma, Otávio Augusto.

Com os Antoninos, não era diferente, pois a adoção também se dava, em boa parte, no seio da própria família. Trajano adotou Adriano que era seu primo e esse, por sua vez, obrigou Antonino Pio a adotar Marco Aurélio (parente de Adriano). Porém, para Maquiavel e Gibbon, a maldição do poder

¹³ Na visão de Suetônio, Tito era o amor e a delícia do gênero humano. Suet. *Tit.* 1.1.

¹⁴ Maquiavel 1883 1.

dinástico hereditário só caiu no colo de Marco Aurélio quando esse passou o poder ao seu filho, Cômodo¹⁵.

Há de se destacar algo também muito importante, Marco Aurélio foi o único imperador antonino a ter um filho. Na falta de herdeiro direto, a única opção era a adoção. Para que esta fosse justificada, criava-se em torno dela uma áurea de engrenagem de solução que resolveria os problemas de Roma, que era governada não pelo filho de fulano ou cicrano, mas pelo melhor cidadão. Para a elite senatorial, a falta de herdeiro direto desses imperadores era, certamente, um certo alívio para continuar no controle das questões políticas e militares, pois a dinastia foi fundada no seio mais antigo do senado com a escolha do senador Nerva como primeiro imperador da dinastia. Como se não bastasse a relação de parentesco sanguíneo, eles também estabeleceram relações de parentesco a partir dos matrimônios¹⁶. Os casamentos das mulheres e de parentes dos *principes* foram bem entrelaçados nessa dinastia¹⁷.

O historiador François Chausson, nos seus estudos de prosopografia imperial, também coloca em xeque a “adoção do melhor”. Para Chausson, os Antoninos já eram parentes de sangue antes da adoção e o Império continuou, como sob os júlio-cláudios, os flávios e, posteriormente, sob os Severos, um bem patrimonial que deveria ser legado ao parente mais próximo. Marco Aurélio, então, obedeceu a essa lógica secular e não a uma “fragilidade” paternal tradicionalmente invocada no momento no qual ele passou o poder imperial ao seu filho, Cômodo¹⁸.

Portanto, é falsa a tese de que os Antoninos rejeitaram a transmissão do poder hereditário e que primaram pela “adoção do melhor”. “A adoção do melhor”, da forma como foi concebida, só pode ser aplicada para o caso de Nerva quando adotou Trajano. A adoção foi uma regra, sim, mas não necessariamente a do melhor. Eles adotaram porque não tiveram filhos, o primeiro a ter filhos quebrou a tradição¹⁹. Afinal, qual era a garantia de que Lúcio Vero, adotado por Antonino Pio com sete anos de idade, fosse o melhor? Seu único mérito era ser filho do filho adotivo de Adriano, Élio César, um homem de saúde frágil que morreu antes de assumir o trono. Nesse caso, a tese de adoção do melhor não se sustenta. A adoção tem que ser vista mais como um recurso a um meio artificial para manter uma linhagem de poder, que deveria administrar o Império e

¹⁵ Gibbon 1989 Cap. 3.

¹⁶ Roman 2000 257.

¹⁷ Sabina, a esposa de Adriano, era sobrinha de Trajano. Faustina, a Antiga, também tinha parentesco com Trajano: era bisneta de sua irmã, Úlpia Marciana. Faustina, a Jovem (filha de Faustina, a Antiga, com Antonino Pio) casou-se com Marco Aurélio. Portanto, Cômodo, filho de Marco Aurélio com Faustina, a Jovem, era neto de sangue de Antonino Pio. Essas questões de parentescos aparecem bem claras nos *stemmata* (árvores genealógicas). Vide Chausson 2005

¹⁸ Chausson 2005 123-160.

¹⁹ Também podemos pensar nessa premissa ao inverso: os que adotaram e que romperam com a tradição, e o que teve herdeiro direto manteve uma tradição secular de transmissão de poder na Antiguidade.

dar continuidade aos projetos, e não como um projeto proposital de se escolher “o melhor” para governar Roma. A adoção do melhor, como foi apresentada na própria antiguidade e depois reproduzida por Maquiavel, Gibbon e pelos historiadores contemporâneos, funcionou mais como uma esperança senatorial do que como uma realidade efetiva dentro da política romana; tal esperança senatorial foi inventada por Plínio²⁰ e por Tácito²¹ e seguida por outros. O sistema continuou muito parecido com o de Augusto dentro da *Domus Augusta*, pois de Trajano a Cômodo os escolhidos pertenciam à *Domus Imperial* centrada em um *princeps* que também era *dominus*. A dinastia Antonina seguiu, portanto, as regras da transmissão do poder de todas as monarquias: a hereditária.

No entanto, esses questionamentos contrários à ideia da adoção do melhor não colocam em questão o fato de que os Antoninos foram bons Imperadores que levaram o Império Romano ao seu apogeu através de uma política de integração e de estabilidade. O reino dos cinco bons imperadores, louvados na Antiguidade e depois por Maquiavel e por Gibbon, deu seu nome ao século II; por isso que é chamado de Século de Ouro, ou, simplesmente, Século dos Antoninos; mas não deve ser chamado de século da adoção do melhor.

4. Uma dinastia Hispânica

O século de Ouro foi o momento da emergência de um verdadeiro Império unitário, cuja capital, Roma, que sempre se comportara como um centro explorador, deixou de ver o Mediterrâneo como uma periferia a ser explorada. A emergência desse Império integrado, deve-se, em grande parte, às relações estabelecidas entre o poder imperial e as províncias. Nesse sentido, a figura de Trajano foi singular e diferente dos imperadores que o precederam, pois foi o primeiro não romano a vestir a púrpura. Ele era de origem hispânica e abriu caminho para os outros. Seu primo, Adriano, era um hispânico de coração grego. Antonino Pio era originário do sul da Gália. Os dois últimos, Marco Aurélio e Cômodo, também eram de origem hispânica, descendiam dos *Uccubi* da Bética. O forte peso desses importantes imperadores para o Império Romano deu a essa dinastia a alcunha de hispânica. Se um hispânico podia ser imperador, os provinciais poderiam ser impedidos de alguma coisa? *A priori*, não.

Trajano, sendo de origem provincial, não ascendeu ao poder sozinho, mas levou consigo, de maneira direta e indireta, todos os provinciais que, a partir dele, puderam ascender aos mais altos cargos das ordens dirigentes romanas. Desde a época de Cláudio, mas sobretudo com os flávios, havia uma renovação das ordens dirigentes, em particular no que tange à ordem senatorial, pois as grandes famílias aristocráticas republicanas haviam desaparecido em sua maioria.

²⁰ Plin. *Pan.* 7.1.

²¹ Tac. *Hist.* 1.15-16.

No entanto, é com Trajano que essa mudança se torna radical. As elites gaulesas, hispânicas, depois as africanas e orientais durante o século II, começaram a fazer parte, efetivamente, das decisões políticas de Roma. Tácito, Plínio, o Jovem, Plutarco, Élio Aristides e, depois, Díon Cássio, Herodiano e outros são provas contundentes desse movimento no qual os provinciais, em Roma, eram mais romanos do que os próprios Romanos. Reafirmaram os valores da sociedade imperial, até mesmo aqueles de que os próprios Romanos, de origem, já tinham se esquecido. Voltaram-se para uma moral senatorial fortemente aristocrática e estoica. Pode-se definir a época dos antoninos como um período no qual uma forte dinastia hispânica governou um Império Greco-Romano, e então era por isso que, para Élio Aristides “o mundo todo está em festa”²².

5. Nerva e a cisão com o período de Domiciano

Nerva, o *princeps senatus*, foi escolhido para suceder Domiciano, haja vista sua carreira exemplar. A “escolha do melhor” - nesse caso, o melhor dentre os senadores - foi saudada por Tácito. Esse historiador louvou o retorno da associação entre Principado e liberdade²³; conceitos que, durante a época de Domiciano, não dividiam o mesmo espaço.

Se a sucessão ao trono de Nero foi acompanhada de uma guerra civil, no ano de 69 d.C., a de Vespasiano (sucessor de Nero) por Tito e depois a de Tito por Domiciano foram tranquilas. Quanto ao último dos flávios, Domiciano, irmão e sucessor de Tito, seus contemporâneos não lhe guardaram muita simpatia²⁴. Criou a censura perpétua e impediu qualquer tipo de crítica à sua pessoa, perseguindo e matando seus opositores. Sua época foi conhecida pelo triunfo dos delatores, das confiscações, das mortes e dos exílios. Mas os escritores habituados a criticar Domiciano, sejam eles antigos ou modernos, às vezes, perdem de vista que no aspecto administrativo o seu principado foi muito eficiente. Também há de se notar que era um corajoso general. Foi em sua época que alguns equestres começaram a ocupar cargos antes ocupados por libertos imperiais²⁵.

²² Arist. *Or.* 26.11.13.

²³ Tac. *Agric.* 3.

²⁴ Plínio, o Jovem foi o primeiro a criticá-lo, mas só depois da morte do imperador. Tácito e Suetônio (Suet. *Dom.* 23) também não pouparam o último dos flávios. Domiciano foi acusado de usar o poder de forma autocrática e autoritária. Queria ser denominado, definitivamente, como *dominus* e *deus* (senhor e deus). Também ganhou o ódio dos autores cristãos que viram nele, depois de Nero, um grande perseguidor. Lo Cascio 1999 324.

²⁵ Havia, desde Nero, uma desvalorização da moeda e foi com Domiciano que houve uma revalorização. Aumentou o *stipendium* das tropas em um terço; esse foi o primeiro aumento desde o início do Principado, mas por conta disso, foi acusado de comprar o exército. Foi um grande construtor, tendo dado continuidade ao projeto de seus antecessores de reconstrução de Roma, com o prosseguimento das reformas do Fórum e a construção de um opulento estádio onde hoje é

Uma conspiração, que foi associada aos círculos judaico-cristãos de Roma e à própria corte imperial no ambiente senatorial, colocou fim, em 96, à vida de Domiciano. O imperador sofreu a *damnatio memoriae*²⁶ e ficou conhecido, a partir de então, como um grande tirano²⁷. A sua morte foi recebida com indiferença pela plebe e de forma negativa pelo exército e pela guarda pretoriana. O sucessor de Domiciano, escolhido dentre os *patres*, foi o ancião Marco Cocceio Nerva, que deveria, indubitavelmente, ser a antítese do último dos flávios. Abriu-se, então, um novo capítulo da História Romana.

6. Nerva (96-98)

O principado de Nerva²⁸ foi muito rápido - governou de 96 a 98 (um ano e quatro meses). Era um dos homens mais ricos de Roma e descendia de uma velha família republicana. Antes mesmo da morte de Domiciano, o velho senador de 70 anos já era considerado como o novo imperador. Na noite do assassinato, ele recebeu o *imperium*. Por ser senador, ele assegurava a boa relação do poder imperial com o senado, algo que Domiciano não conseguira fazer. Ao ser empossado, prometeu, publicamente, que nenhum senador seria morto durante o seu principado. Colocou fim aos processos de lesa-majestade, anulou as condenações dos perseguidos políticos exilados, permitiu o regresso a Roma e devolveu-lhes os bens confiscados.²⁹ Nerva foi louvado pelos autores da época, o poeta Marcial era muito simpático ao imperador³⁰ e o descreveu como campeão da liberdade. Para os senadores, Nerva simbolizava a harmonia perfeita entre o Principado e a liberdade, pois não fora escolhido no quadro militar, como os Flávios, e tampouco no quadro de uma linha hereditária, como os Júlio-claudianos; ele foi escolhido por conta de sua moderação e experiência advinda da idade avançada. Uma inscrição de 18 de setembro de 96 marca o início de um período no qual o Principado daria as mãos à liberdade³¹, perdida durante os quinze anos de principado do “tirano”. O clima de

a Praça Navona. Conduziu batalhas de sucesso em terras germânicas, nas quais lutou pessoalmente. Também ordenou expedições à Britânia, sob o comando de Agrícola, sogro de Tácito (Tac. *Agric.* 3). Vide atrás cap. 5, Rodrigues §5.

²⁶ Condenação da memória. É um voto do senado por meio do qual o condenado era considerado inimigo público de Roma, os bens eram confiscados e seu nome era apagado de todas as inscrições e documentos.

²⁷ As moedas de Domiciano foram fundidas, suas estátuas foram demolidas e seu nome apagado de todos os edifícios públicos por ordem senatorial. D.C. 68.1 e Suet. *Dom.* 23.

²⁸ Nasceu em 8 de novembro de 30 e morreu em 27 de janeiro de 98.

²⁹ D.C. 68.1 e 2.

³⁰ Mart. *Epig.* 11.5.

³¹ CIL 6. 472.

distanciamento da autocracia de Domiciano pode ser observado em uma lei comicial, agrária, proposta por Nerva³².

Há poucas informações sobre a vida de Nerva. O relato mais completo sobre seu principado foi transmitido por Dión Cássio, no livro 68, e por Aurélio Victor. Tácito fez um resumo de seu principado nos *Anais*, mas é na obra *A vida de Júlio Agrícola* que elogiou o imperador. Entretanto, como foi contemporâneo e senador, Tácito jamais criticaria o imperador que era muito próximo do senado. As primeiras informações sobre Nerva aparecem no principado de Nero. Em 65, foi eleito pretor. Foi conselheiro de Nero e desempenhou um papel de destaque durante a conspiração de Pisão³³. Foi reconhecido pelos flávios ao obter o consulado em 71. Em 90, dividiu o consulado com Domiciano devido ao seu papel durante a conspiração de Saturnino.

*

Se por um lado a chegada de Nerva ao poder foi reconhecida pelo povo e aclamada pelo senado, por outro, foi recebida com dificuldade pelos pretorianos e pelo exército. Isso porque o novo imperador não tinha renome militar e nem a mesma popularidade que Domiciano. Nerva nunca comandou uma legião e, ao que parece, tampouco governou uma província. Sua longa carreira senatorial e seus dois consulados não foram suficientes para evitar as revoltas entre os militares. Logo no início de seu principado, teve que conviver com as rebeliões dos pretorianos e dos soldados, que ainda lamentavam o assassinato de Domiciano e desconfiavam que o novo imperador estivesse envolvido no complô que tirou a vida de seu predecessor (era papel da guarda pretoriana assegurar a sobrevivência do imperador). Segundo Dión Cássio, os conspiradores propuseram a sucessão a Nerva antes mesmo do assassinato. A partir de então, Dión defende que Nerva sabia do complô³⁴. Suetônio não menciona o nome de Nerva no episódio, porque era contemporâneo de Adriano quando escreveu sobre a vida de Domiciano; ele não poderia sugerir que a dinastia de seu imperador, Adriano, tinha sido fundada sobre um assassinato imperial³⁵. Seja como for, os pretorianos queriam fazer justiça em nome do imperador assassinado.

Um ano depois de Nerva ter se tornado imperador, para diminuir as insatisfações dos pretorianos, chamou para a guarda Caspério Eliano, comandante das revoltas e antigo prefeito do pretório sob Domiciano. Nerva não foi feliz ao tomar essa medida, pois Eliano, juntamente com os seus soldados, queria se

³² Digesto 47.21.3. As leis comiciais eram votadas pelo povo.

³³ Tac. *Ann.* 15.72.

³⁴ D.C. 68.15.

³⁵ Suet. *Dom.* 23.

vingar dos assassinos de Domiciano³⁶. Eles tomaram o palácio para executar os assassinos que não foram condenados por Nerva. Assassinaram, inclusive, o prefeito do pretório, Petrônio Secundo, que era chefe do complô contra Domiciano. O imperador também se tornou refém³⁷. Apesar de Nerva ter sido contrário, teve que proferir um discurso público de agradecimento ao ato “nobre” de Eliano³⁸. Esse episódio enfraqueceu enormemente seu governo³⁹.

O problema não era somente entre os pretorianos. Nerva também teve que intervir no exército na Germânia Superior, quando campos foram incendiados e, na Panônia, quando um complô foi formado contra o príncipe. Tal complô foi rapidamente acalmado pelo filósofo Díon de Prusa. Trajano foi enviado como legado e conseguiu restabelecer a ordem na Germânia, em nome de Nerva. Dessa forma, Trajano se tornou indispensável, pois tinha uma boa relação com o exército. Na tentativa de procurar o equilíbrio entre o senado, o povo e o exército (inclusive com a guarda pretoriana) e, devido à sua idade avançada, Nerva deixou patente sua aproximação com Trajano.

**

Diante de um imperador enfraquecido tanto pelos problemas econômicos do Império, quanto pelos conflitos militares dentro e fora de Roma, o senado, temendo uma possível guerra civil com a morte de Nerva, entrou em um verdadeiro jogo de forças para a escolha do herdeiro ao trono. Uma parte do senado tinha como predileção Marco Cornélio Nigrino, condecorado general de Domiciano e governador da Síria, também de origem hispânica. Outra parte tinha predileção por Trajano, que já tinha acalmado as revoltas do exército na Germânia Superior e era próximo do senado (filho de um grande senador), além de querido pelo povo e pelo exército. Trajano, sabe-se, foi o escolhido. Logo abaixo serão apresentados os detalhes de sua adoção.

Adotar Trajano, popular entre os pretorianos e os soldados, deu ao principado de Nerva um ar mais tranquilo. Trajano oferecia todas as garantias para o estabelecimento de um poder durável, pois transitava bem nas três instituições mais importantes do poder romano: o senado, o exército e o povo. Nerva e Trajano abriram um capítulo novo na história do Império Romano, primando pela harmonia entre o poder imperial, o senado e a comunidade em geral. Os senadores tiveram seus privilégios ainda mais reafirmados e atuavam como conselheiros dos *principes*. Diferentemente dos flávios, que deram continuidade ao principado hereditário, os Antoninos optaram pelo princípio da adoção,

³⁶ Aur. Vic. *Caes.* 12.7.

³⁷ D.C. 68.3.

³⁸ Aur. Vic. *Caes.* 12.8.

³⁹ D.C. 68.3.

como foi mostrado acima, mas cabe ressaltar que, se houve um exemplo no qual a “adoção do melhor” funcionou nos moldes louvados pelos senadores, foi com Trajano, que não era parente de Nerva.

A situação financeira e econômica do Império durante o governo de Nerva não era muito boa. O velho imperador herdou uma Roma à beira de uma crise e devido aos gastos iniciais do seu governo, a situação só se agravou, ao ponto que foi obrigado a criar uma comissão especial para reduzir as despesas da administração central. A renda procedente dos leilões das propriedades de Domiciano deu um pequeno fôlego à economia⁴⁰. Apesar da falta de dinheiro, Nerva procurou exercer uma política de alívio fiscal. Aboliu o imposto especial que era pago pelos Judeus, o chamado *fiscus Iudaicus*. Eliminou, também, as contribuições pagas pelos itálicos para o transporte de pessoas, comunicações e bens, o chamado *cursus publicus*⁴¹. Essas medidas foram vistas como exemplos da liberalidade imperial. Seu único projeto arquitetônico de grande porte foi a construção de um complexo de armazéns (*Horrea Nervae*) para estocar o suprimento de grãos da cidade de Roma. Além disso, construiu aquedutos e realizou obras de reforma da cidade; também construiu um pequeno fórum que tinha sido iniciado por Domiciano⁴². Uma instituição importante criada por Nerva e que durou durante toda a época antonina, aprimorada por Trajano, foram os *alimenta*, um subsídio financeiro às famílias italianas pobres para criar seus filhos.

7. A sucessão imperial de Nerva a Trajano⁴³

Temendo uma possível Guerra Civil na transição do poder, haja vista que já era idoso e não muito querido pelo exército e pela guarda pretoriana, o imperador adotou e designou à sucessão, no dia 28 de outubro de 97, o general e senador de origem hispânica, Marco Úlpio Trajano. A cerimônia de adoção se deu no templo capitolino e, segundo Díon Cássio, Nerva proferiu as seguintes palavras: “Para que a escolha seja feliz e favorável para o senado, para o povo romano e para mim também, adoto Marco Úlpio Nerva Trajano!”⁴⁴ O senado concedeu a Trajano várias honrarias: o título de César, o *imperium maius*, o

⁴⁰ D.C. 68.2.

⁴¹ Lo Cascio 1999 327.

⁴² Suet. *Dom.* 5.

⁴³ As partes desse texto nas quais apresentamos as sucessões imperiais foram escritas com base nos documentos textuais de época e organizadas de acordo com os livros de História Romana publicados na França e na Itália recentemente: Lo Cascio 1999, Roman 2000 e Martin 2014.

⁴⁴ D.C. 68.3.

poder tribunício, o nome de Augusto e, também, o consulado epônimo do ano 98 (consulado de Nerva e Trajano). Durante a cerimônia de adoção, Trajano não estava em Roma, pois ainda era legado na Germânia Superior. O exército ficou satisfeito com tal nomeação, pois durante dez anos esse *vir militaris* foi tribuno dos soldados e havia dado inúmeras provas de coragem em campo de batalha e conhecia, como ninguém, o funcionamento do exército. A escolha de Trajano foi uma excelente estratégia diplomática para sair da crise política.

Três meses depois, no dia 27 de janeiro de 98, Nerva faleceu. Adriano foi o primeiro a transmitir a notícia a Trajano⁴⁵, que na ocasião estava em Colônia, na Germânia. Dois anos depois, após terminar sua expedição militar no Reno, Trajano retornou a Roma e assumiu o trono. Colocou fim aos principais problemas de segurança que herdou da época de Nerva. Resolveu seu conflito com o prefeito do pretório, Caspério Eliano, que foi, possivelmente, executado, e enviou Nigrino, seu concorrente à adoção, para a Hispânia, onde permaneceu até a morte⁴⁶. Nerva foi divinizado pelo senado a pedido de Trajano.

8. Trajano (98-117)

Os relatos sobre Trajano são raros. Além de Dión Cássio, de Eutrópio e de Aurélio Victor, há Plínio, o Jovem. A carreira de Trajano foi apresentada por Plínio, no seu *Panegírico*, mas por conta da natureza desse gênero literário, deve-se tomar cuidado ao analisá-lo devido os exageros plinianos.

Trajano era descendente de um grupo de italianos que, durante a época republicana, se instalou em Itálica, na província da Hispânia (futura Bética). Seus ancestrais, os *Ulpii*, eram originários da Úmbria. Há duas teses polêmicas sobre o local de nascimento de Trajano: a mais aceita pelos historiadores é que ele tenha nascido em Itálica⁴⁷, a segunda tese, mais controversa, sugere que ele tenha nascido em Roma. Segundo Eutrópio, os autores antigos escreveram que Trajano era originário da Hispânia, mas não defenderam que ele nasceu por lá⁴⁸. Seu pai, Úlpio Trajano, era um senador reconhecido entre seus pares e isso deu boas condições ao seu filho para galgar as mais altas magistraturas na capital. Trajano percorreu, com sucesso, seu *cursus honorum* durante o principado dos flávios. Por mais que ele tenha sido considerado, por alguns, como estrangeiro, cabe destacar que um senador (filho de senador) jamais seria estrangeiro em Roma.

⁴⁵ *Hist. Aug. Hadr.* 2.

⁴⁶ D.C. 68.5.

⁴⁷ Des Boscs-Plateux 2006 471.

⁴⁸ Eutr. 8.2.

Trajano governou de 98 a 117⁴⁹. De todos os imperadores romanos que sucederam Augusto, ele foi, indubitavelmente, o mais notável e, assim como o primeiro, foi chamado de *optimus*. Conhecido pelas suas qualidades como chefe militar, também foi um bom administrador do Império. A correspondência trocada entre Plínio, o Jovem, e Trajano, no livro X, é reveladora da boa relação entre o príncipe e seus colaboradores. Nas cartas de Plínio, também se conhece um Trajano preocupado com a administração e com o aprovisionamento das cidades romanas⁵⁰.

Segundo Plínio, para Trajano “o príncipe não está acima das leis, as leis é que estão acima do Príncipe”⁵¹. Trajano procurava fazer bom uso do *imperium*, ao colocar em prática seu estilo moderado; foi um dos soberanos que teve sua reputação irrefutável da Antiguidade até os dias atuais. Trajano e Augusto foram, seguramente, as referências de governo para os sucessores, tanto que se dizia *felicior Augusto, melior Traiano*, - ou seja, desejava-se que cada novo imperador tivesse mais sorte que Augusto e que fosse melhor do que Trajano. Eles representaram os *principes* que melhor conseguiram manter boas relações com as três forças do Império: o povo, o senado e o exército.

Trajano chegou ao ponto de ser cristianizado, por intercessão divina, pelo Papa Gregório I. Tomás de Aquino e Dante viram nele o modelo de um pagão virtuoso. Na sua passagem pelo paraíso, Dante viu Trajano, apesar de muitos outros imperadores estarem no inferno. Para Maquiavel, o principado de Trajano foi um modelo a ser seguido por todos os príncipes.

Depois da morte de Nerva, Trajano não mostrou pressa para voltar a Roma, continuou na Germânia por dois anos. Nesse período, procurou manter a paz ao longo das fronteiras setentrionais do Reno e do Danúbio⁵². Só voltou a Roma no outono de 99 e foi recebido com grandes honrarias, afinal, era a primeira vez que, como imperador, entrava na capital⁵³. Marchou em direção ao palácio imperial a pé, dando demonstração de sua grande e famosa simplicidade. Foi no principado do *Optimus princeps* que o Império Romano atingiu a sua máxima extensão territorial com as conquistas perenes da Dácia, a anexação do Reino Nabateu de Petra e com as conquistas efêmeras da Armênia e da Mesopotâmia. Pode-se dizer, então, que a grande obra de Trajano foi de natureza militar e administrativa.

*

Trajano deu um novo fôlego ao espírito expansionista romano quando retomou as incursões da Dácia, rompendo a paz que havia sido selada entre

⁴⁹ Nasceu em 18 de setembro de 55 e morreu no dia 8 ou 9 de agosto de 117.

⁵⁰ Plin. *Ep.* 10.

⁵¹ Plin. *Pan.* 64-65.

⁵² D.C. 68.3.

⁵³ Plin. *Pan.* 12.

Domiciano e o rei Dácio, Decébalos, em 89. Esse acordo entre Domiciano e Decébalos era muito desfavorável para Roma, pois os Romanos eram obrigados a ajudar os Dácios, oferecendo engenheiros e subsídios, e a reconhecer um único rei Dácio. Romper essa situação era importante para o Império, pois o arranjo era assaz oneroso e conquistar a Dácia permitiria aos Romanos o acesso a minerais preciosos. A exploração dos minérios resolveria o problema financeiro romano e daria a Trajano um grande triunfo militar. Assim sendo, os Romanos enfrentaram Decébalos em duas grandes guerras, a primeira entre 101-102 e a segunda entre 105-106.

Na primeira guerra, entre 101 e 102, os Romanos marcharam em território dácio sem grandes resistências. Para atravessar o Danúbio, uma ponte foi construída sobre o rio pelo arquiteto Apolodoro de Damasco. No início do conflito, Decébalos evitou, ao máximo, o confronto direto. No entanto, durante a batalha de Tapas - a única dessa guerra-, Romanos e Dácios se enfrentaram em um difícil confronto⁵⁴. No início da batalha, os Romanos tinham obtido bastante sucesso e, por conta disso, os Dácios tentaram bloquear os caminhos que levavam à capital, Sarmizegetusa. Em contrapartida, os Romanos bloquearam o abastecimento da cidade. O bloqueio forçou Decébalos a passar à ofensiva, com o objetivo de liberar a sua capital, mas pouco adiantou. Por volta de março de 102, Trajano atacou Sarmizegetusa, e para evitar o massacre da população, Decébalos propôs um acordo de paz. No entanto, dessa vez, as condições para o acordo foram impostas por Trajano e não eram boas aos Dácios; contudo, Decébalos continuou no poder, mantendo a unidade do seu reino. Nessa primeira guerra, não se sabe se Trajano tinha o objetivo de transformar a Dácia em estado cliente ou se ele já tinha o objetivo de fazer uma segunda investida, como, de fato, aconteceu.

O acordo de paz da primeira guerra não durou muito tempo. Decébalos fortificou a capital, com muros e pontes, e criou um novo exército⁵⁵. Em 105, os Dácios atacaram os Romanos, retomaram a região de Banato, que estava sob o controle de Roma, e depois atacaram a Mésia. Com isso, o rei Dácio mostrou não respeitar o acordo que assinou com os Romanos. Então, o senado de Roma declarou aberta a segunda guerra dácia. Trajano retornou, pessoalmente, ao campo de guerra, com um grande exército - ainda maior que aquele da primeira guerra⁵⁶ - formado por metade dos efetivos de todo o Império. Ao chegarem ao Danúbio, encontraram a Mésia devastada e inúmeras construções romanas destruídas. Em 106, as legiões atravessaram o Danúbio, Decébalos fora atacado por diversas frentes e foi, assim, obrigado a deixar Sarmizegetusa. Após um cerco sangrento e doloroso, a cidade se rendeu.

⁵⁴ D.C. 68.8. 2.

⁵⁵ D.C. 68.10.3.

⁵⁶ D.C. 68.10.4.

Trajano não fixou as mesmas condições de paz e a submissão foi efetivada. Decébalos tentou fugir para os Cárpatos, mas foi cercado pelos Romanos e se suicidou. Com o fim da guerra, a moeda romana celebrava a vitória com a divisa “*Dacia capta*” (Dácia capturada). Trajano fundou outra capital com o mesmo nome, não muito distante das ruínas da antiga. O imperador celebrou o triunfo com muitos dias de festas. Todos os episódios da guerra foram esculpados na Coluna de Trajano a partir da perspectiva do vencedor. As duas guerras foram narradas por Dión Cássio⁵⁷.

Concomitante à guerra da Dácia, em 106, Trajano ordenou que o governador da Síria anexasse o reino Nabateu de Petra⁵⁸, por conta da morte do rei Rabelo II. As moedas da época, com a divisa “*Arabia Acquisita*” (Arábia adquirida), sugerem que a anexação foi feita de modo pacífico, pois esse reino já era protegido por Roma. Se fosse uma conquista militar, possivelmente as moedas exibiriam a divisa “*Arabia Capta*”, como foi o caso da Dácia. No entanto, Amiano Marcelino⁵⁹ e Dión Cássio⁶⁰ sugerem que houve resistência, embora não apresentem os detalhes. Com esse triunfo, Trajano abriu as portas para conquistar a Mesopotâmia, o sonho dourado de um conquistador para se igualar a Alexandre, o Grande; reforçou as fronteiras do Império (*limes*) no Oriente e conseguiu, de modo mais efetivo, fortalecer a região e aumentar os cuidados com o Egito, a Judeia e a Síria, fontes de constantes revoltas.

A partir de 106, em Roma, Trajano, vencedor da guerra da Dácia, administrava seu Império e tudo parecia bem. Contudo, em 113, os Partos violaram um tratado de paz com Roma, que fora assinado em 63, sob o principado de Nero. Eles tentaram, na sucessão do trono da Armênia, apresentar um candidato que não era o de Roma. A campanha militar começou quando, em janeiro de 114, o imperador chegou a Antioquia. Trajano ocupou a Armênia, assassinando Partamasíris, que havia sido colocado no trono por seu irmão, o rei da Pártia, Osróes⁶¹ e, posteriormente, deslocou-se para a Mesopotâmia setentrional. Em 114, tomou Nibisis e, em 115, tomou Dura-Europos à margem do Eufrates. A Mesopotâmia foi anexada ao Império Romano em 115.

No dia 20 de fevereiro de 116, o senado romano concedeu a Trajano o título de *Parthicus*, em acréscimo ao título de *Dacicus*, recebido após a conquista da Dácia. No ano de 116, Trajano marchou em direção ao sul da Mesopotâmia, chegando a Selêucida, e logo em seguida, ao Golfo Pérsico. No inverno de 116-117, Trajano estava no palácio de Alexandre, o Grande, na Babilônia (Alexandre sempre exerceu grande fascínio nos maiores conquistadores romanos, César,

⁵⁷ D.C. 68.8-15.

⁵⁸ D.C. 68.14.

⁵⁹ Amm. Marc. 14.8.12.

⁶⁰ D.C. 69.14.

⁶¹ D.C. 68.22.

Augusto e Trajano)⁶². A conquista da Mesopotâmia foi efêmera. Roma não tinha meios militares para manter tal dominação, pois, concomitante a essa extensão territorial, grandes revoltas eclodiram no Oriente: Palestina, Síria, norte da Mesopotâmia e, sobretudo, a revolta dos Judeus de Cirenaica, de Chipre e do Egito. Essas revoltas ocuparam a maior parte do exército de Trajano na tentativa de apaziguamento, dessa forma Trajano não tinha efetivos para guardar os novos territórios conquistados⁶³.

Foi retornando a Roma, em 117, que o *Optimus Princeps* morreu, deixando o Império Romano na sua máxima extensão territorial. Trajano foi divinizado pelo senado, e suas cinzas deixadas aos pés de sua coluna.

**

Muito se discutiu sobre as motivações imperialistas de Trajano, sobretudo a da Dácia. Os historiadores debatem a velha questão do imperialismo ofensivo e defensivo. Entretanto, sejam lá quais forem as teses e conclusões, uma é incontestável: a conquista da Dácia disponibilizaria uma quantidade de metais preciosos que resolveria os problemas financeiros de Roma (que Trajano herdou de Nerva), através da pilhagem e da exploração das minas de ouro⁶⁴. Graças a essa riqueza, Trajano conseguiu guardar as fronteiras romanas e continuar sua investida ofensiva. Conseguiu financiamento para todas as grandes construções de seu governo: como o Fórum de Trajano, o Mercado de Trajano, as diversas estradas (a importante *via Traiana*), pontes, basílicas, bibliotecas, aquedutos, banhos e até mesmo portos. Também com o dinheiro dácio construiu uma coluna para festejar seu triunfo, na qual expôs em baixo-relevo as etapas da conquista. O dinheiro dos Dácios manteve viva a liquidez no Império, tornando as taxas de juros muito equilibradas, variando entre 4 e 6 por cento - juros característicos de um período de equilíbrio financeiro. Trajano também foi ao encontro dos pequenos agricultores, criando incentivos agrícolas para melhorar a produção, e anulou muitas dívidas de cidades com o fisco romano.

Nerva, durante seu curto principado, criou um programa social chamado de *alimenta*, um subsídio alimentar às famílias pobres italianas, um tipo de *welfare-state*⁶⁵. No entanto, o projeto foi efetivado por Trajano, que se tornou o patrono do programa, promovendo-o junto à elite. Plínio, o Jovem foi responsável por alguns *alimenta*, tanto na região de Roma, quanto na cidade de Como, de onde era originário⁶⁶. Em que consistia os *alimenta*? O dinheiro

⁶² D.C. 68.30.

⁶³ Roman 2000 246.

⁶⁴ Vide Guey 1924 445-475

⁶⁵ Expressão utilizada por Lo Cascio 1999 329.

⁶⁶ Plin. *Ep.* 6.19.

provinha dos juros de dinheiro aplicado a uma taxa que variava de 4 a 6 por cento. O Estado agia como credor e os civis como devedores. A rentabilidade do dinheiro aplicado era destinada às famílias pobres para manterem a educação de seus filhos⁶⁷.

Pode-se, portanto, defender a tese de que a paz antonina só chegou a ser realmente efetivada depois que os Romanos colocaram as mãos no tesouro dos Dácios, pois a aclamada “paz” não iria muito longe sem o dinheiro. Com esse feito, Trajano provou ser um grande conquistador e conseguiu, com o dinheiro do reino conquistado, equilibrar as finanças do Estado, fortalecer o exército, amenizar as disparidades sociais, embelezar a cidade de Roma e construir inúmeros monumentos pelo Império afora. Tal riqueza foi explorada por toda a época Antonina, sobretudo por Adriano.

9. A sucessão imperial de Trajano a Adriano

Trajano era casado com Plotina, com a qual não teve filhos. Na ausência de um herdeiro direto, Trajano deu um grande relevo a P. Élio Adriano, seu primo, que, como o próprio imperador, tinha origem hispânica. Pelo lado paterno, Trajano tinha uma tia chamada *Úlpia*, que se casou com P. Élio Adriano Marulino. Tiveram como filho P. Élio Adriano Afer, o pai de Adriano⁶⁸. Tendo Afro falecido em 86, Trajano e P. Célio Atiano, um cavaleiro romano de Itália, tornaram-se os tutores de Adriano, que na ocasião tinha apenas dez anos⁶⁹. Portanto, a ligação de Trajano com Adriano era estabelecida além de relações de parentescos, pois Trajano era seu tutor⁷⁰. Adriano também se casou com a sobrinha de Trajano, Sabina. Além de primo, era tutelado e sobrinho por aliança. Acredita-se que Trajano escolheu Adriano como seu sucessor no leito de morte, em 8 agosto de 117. Tal adoção criou muita controvérsia entre os próprios escritores antigos, pois a carta que formalizava o ato e que foi entregue ao senado fora assinada em Antioquia, em 9 de agosto, pela esposa de Trajano, Plotina, que, por sua vez, era muito próxima de Adriano⁷¹. Dois dias depois da assinatura da carta, Trajano faleceu. O autor da *História Augusta* sugere que a adoção foi uma farsa criada pela viúva imperial⁷². Díon Cássio sugere que Adriano amava Plotina e que ela fraudou a adoção⁷³. Rapidamente,

⁶⁷ Vide Veyne 1957 177-241. Lo Cascio 2000 223-293. Lo Cascio 1999 329.

⁶⁸ *Hist. Aug. Hadr.* 1.2.

⁶⁹ *Hist. Aug. Hadr.* 1.4.

⁷⁰ Syme 1964 142.

⁷¹ D.C. 69.1.

⁷² *Hist. Aug. Hadr.* 1.

⁷³ D.C. 69.1.

o exército aclamou Adriano como imperador de Roma e este, ato contínuo, escreveu ao senado para apresentar seu mais alto respeito e para indagar sobre os títulos imperiais. Apesar da desconfiança, o senado e o povo reconheceram o novo imperador, mas é bom frisar que a relação do novo herdeiro com o senado não era muito boa⁷⁴.

10. Adriano (117-138)

Adriano governou de 117 a 138⁷⁵. Era conhecido como o imperador cosmopolita. Foi o grande artífice da civilização bilingue do Império, a representação de um império greco-romano. A sua biografia foi narrada por Dión Cássio, Aurélio Vitor, Eutrópio e pelo autor da *História Augusta*. Mário Máximo também escreveu sobre a sua vida, mas a obra se perdeu. Na *História Augusta* há menção a uma autobiografia, a qual, infelizmente, tampouco chegou à atualidade.

Adriano, assim como Trajano, era de origem hispânica. Nasceu, possivelmente, em Itálica⁷⁶. O autor da *Vida de Adriano* na *História Augusta* sugere que ele tenha nascido em Roma⁷⁷. Seu pai, o senador romano de origem hispânica, Públio Élio Adriano Afro, era primo de Trajano⁷⁸. Teve uma carreira brilhante, foi pretor em 104 e cônsul sufecto em 108. Exerceu ambas as magistraturas antes da idade mínima⁷⁹. Em 111 ou 112, ele foi eleito como arconte de Atenas, uma honraria muito rara no *cursus honorum*, por ser uma magistratura própria do mundo grego⁸⁰. Segundo o autor da *História Augusta*, em 113, Adriano foi nomeado legado na guerra contra os Partos, possivelmente, graças à influência de Plotina⁸¹. Em 116, Trajano o fez legado na Síria⁸². Adriano acompanhou Trajano em quase todas as suas batalhas, na Germânia, na Dácia e no Oriente (Mesopotâmia). Seguramente, na corte de Trajano, Adriano era o mais apto a substituí-lo, mas o jovem tinha um grande número de inimigos, sobretudo dentro do senado; as inimizades eram tantas que, mesmo muitos anos depois, o autor da *História Augusta* – portador da ótica senatorial – sugeriu, inúmeras vezes, que Adriano conseguia suas honrarias graças à influência de Plotina, inclusive sua adoção, como foi mostrado acima.

⁷⁴ D.C. 69.1.

⁷⁵ Nasceu no dia 24 de janeiro de 76 e faleceu em 10 de julho de 138.

⁷⁶ App. *Hisp.* 38.

⁷⁷ *Hist. Aug. Hadr.* 1.3.

⁷⁸ D.C. 69. 3. *Hist. Aug. Hadr.* 1.2.

⁷⁹ *Hist. Aug. Hadr.* 3.8.

⁸⁰ CIL 3. 550 ou ILS 308.

⁸¹ *Hist. Aug. Hadr.* 4.10.

⁸² D.C. 69.1.

*

Em agosto de 117, quando Adriano chegou ao poder, o Império Romano se encontrava no seu apogeu territorial. O novo imperador, rapidamente, devido às dificuldades militares do momento, rompeu com a política expansionista de Trajano. Entretanto, não deixou de reforçar o *limes* no Danúbio, no Reno e na Britânia. Adriano escolheu a via diplomática para amenizar os problemas do Império, lançando mão de uma política estritamente defensiva. Com isso, acabou por renunciar às importantes conquistas de Trajano, como a da Mesopotâmia, Armênia e Assíria. Adriano cedeu aos Sármatas a região do Baixo Danúbio na Dácia e concentrou-se, sobretudo, na Transilvânia, onde ficavam as minas de ouro da Dácia, já que eram protegidas por uma barreira natural, os Cárpatos. A nova fronteira oriental do Império se tornou o Eufrates, consolidando o *limes*. Já no Ocidente, em um esforço semelhante, Adriano erigiu, em 122, uma muralha na Britânia conhecida como a Muralha de Adriano.

Ao abandonar a política expansionista de Trajano, o imperador entrou em forte atrito com o senado, que queria dar continuidade ao espírito imperialista romano. Talvez, por isso, Adriano tenha sido vítima de uma conspiração logo no início de seu principado. Contudo, a conjuração malogrou e Adriano condenou à morte os quatro senadores, ex-cônsules, que organizavam a conjuração. Assassinou-os sem consultar o senado, em um gesto que só agravou a sua situação junto aos *patres conscripti*.

**

Como imperador, Adriano reforçou o aparelho administrativo: criou uma verdadeira carreira para a ordem equestre, que ficou incumbida dos mais altos postos administrativos, que, antes, de modo geral, eram ocupados por libertos imperais; introduziu os juristas no seu conselho, transformando o Conselho do Príncipe (*consilium principis*) em um órgão oficial de governo formado por funcionários altamente qualificados que eram pagos, recebiam em torno de cem mil sestércios. Procurou unificar a legislação, até então muito fragmentada, por meio do Édito Perpétuo, do famoso jurisconsulto Sálvio Juliano, de 131, que codificou e atualizou o direito romano para os funcionários e juízes. Esse édito foi referência de poder até o século V d.C., mas, infelizmente, não chegou na íntegra à atualidade, senão através de citações e comentários em outros textos. Essas inovações, no aparelho jurídico, foram aperfeiçoadas pelos Severos e o resultado pode ser visto no Digesto⁸³.

Adriano cancelou as dívidas fiscais dos Romanos com o objetivo de atrair para si a simpatia da população. Foi ao encontro dos pequenos proprietários

⁸³ Vide: *Digesto. Corpus Iuris Civilis, Digesta Iustiniani* editado por T. Mommsen.

de terra, criando inúmeros incentivos e subsídios para a produção agrícola; deu continuidade aos *alimenta*, de Nerva e Trajano, e reorganizou o trabalho de exploração de minas, pois durante o seu principado ainda se exploravam as minas de ouro da Dácia⁸⁴, uma atividade muito rentável para o erário. Erigiu monumentos em todo Império, notadamente em Roma, onde ele reconstruiu o Panteão e erigiu um Templo em homenagem à deusa Vênus. Construiu, próximo a Roma, a grande *villa* que leva seu nome: *Villa Hadriana*.

Adriano acelerou o processo de integração das províncias romanas, sobretudo a partir da concessão mais ampla da cidadania. Um *senatusconsultum* decretou que toda romana casada com um latino (não romano) ou peregrino, deveria ser, automaticamente, a mãe de um cidadão romano. O número de cidadãos romanos provenientes da Hispânia aumentou consideravelmente. Raros eram aqueles que não tinham os *tria nomina*⁸⁵. Isso permitiu que muitos membros das elites provinciais se integrassem às ordens senatorial e equestre.

Adriano concentrou-se em defender as fronteiras e, como representante máximo da ordem imperial, não hesitou em reprimir com mão de ferro algumas revoltas. A mais famosa delas se deu na província da Judeia. Adriano encontrou graves problemas nessa província, principalmente quando, em 132, mandou reconstruir a cidade de Jerusalém, que estava em ruínas desde a sua destruição por Tito, em 70. O projeto de construção era baseado nos moldes de uma cidade grega, a moda na época de acordo com o espírito filelênico do imperador. Adriano, então, construiu banhos públicos e estátuas de deuses gregos foram espalhadas pela cidade. Os Judeus viram na nova forma da cidade uma profanação dos seus costumes tradicionais, ao serem obrigados a conviver com a vida grega “gentia”; outro grande motivo de revolta se devia ao fato de Adriano ter proibido a circuncisão no Oriente; para os Judeus, esse ato era um rito e sua proibição era uma afronta aos seus costumes. Os Judeus, então, se insurgiram contra Roma, comandados por Simão Bar Kochba. Os Romanos tiveram que lutar, novamente, contra os insurgentes e perderam as primeiras batalhas. Os Judeus reconquistaram alguns territórios romanos e lutavam pela independência. Conseguiram cunhar moedas e organizar um Estado que ficou no seu estágio embrionário.

Depois de muitas batalhas sangrentas, os Romanos acabaram por sufocar a revolta que durou de 132 a 135. Doze legiões tiveram que participar dessa repressão. Após a vitória de Roma, Adriano decretou a expulsão dos Judeus de

⁸⁴ Guey 1924 445-475.

⁸⁵ Roman 2000 266.

Jerusalém, escravizou e vendeu parte dos sobreviventes. A cidade de Jerusalém foi reconstruída, assim como as demais cidades do Império, seguindo o modelo de uma cidade grega, sendo rebatizada de Élia Capitolina. No lugar do templo de Jerusalém, erigiu-se uma estátua a Júpiter e, no Gólgota, erigiu-se uma estátua à deusa Vênus. A província da Judeia também mudou de nome e passou a ser chamada de Palestina; além disso, foi também anexada à província da Síria, tornando-se Síria-Palestina. Dessa forma, Adriano tentou apagar a memória da presença dos Judeus, sobretudo, em Jerusalém. Com essa guerra, o imperador eliminou a possibilidade do renascimento do judaísmo em Jerusalém durante o período romano.

Adriano ficou conhecido como o imperador ausente, pois sempre estava viajando pelo Império⁸⁶. Viajou 12 anos, no total de 21 anos de governo. Suas viagens podem ser divididas em três blocos que vão de 121-126, 127-128 a 128-134. Essas viagens eram importantes para inspecionar o exército e, em campo de guerra, levava a mesma vida que seus soldados. As viagens mostraram uma situação inquietante do Império, devido à necessidade de defender o *limes*, fruto disso foi a construção de uma muralha no norte da Britânia. Entre 121 e 134, visitou a Gália, a Germânia, a Britânia, a Mauritània, o Oriente e a África, notadamente o Egito. Mas era a Grécia que Adriano mais visitava e pela qual expressava notória predileção. Construiu muitos monumentos por onde passou e também aperfeiçoou, *in loco*, o sistema jurídico e administrativo das cidades. Em Atenas, mandou completar a construção do Olimpeu, templo de Zeus. Esforçou-se para transformar Atenas na capital cultural de um Império dotado de duas línguas: o latim e o grego. Construiu um Império ecumênico fortemente marcado por uma cultura helênica que se pode chamar, nas palavras de Paul Veyne, de Império Greco-Romano. Para esse autor, a inserção de Adriano no Oriente e seu filelenismo tiraram a hegemonia que antes ficava somente em torno da capital e do seu senado. Adriano foi um Nero que logrou êxito ao transformar seu amor pela cultura helênica em um projeto político⁸⁷. Com isso, observa-se, na época de Adriano, a emergência de um verdadeiro Império integrado.

Segundo o autor da *História Augusta*, o amor de Adriano pelo mundo grego, sobretudo pela literatura, rendeu-lhe o apelido de “gregozinho” (*graeculus*)⁸⁸. Esse apelido, contudo, pode ter várias facetas, inclusive assaz pejorativa, com insinuação às práticas homoeróticas de Adriano. Haja vista

⁸⁶ Syme 1988.

⁸⁷ Veyne 2005 51. Veyne 1976 654.

⁸⁸ *Hist. Aug. Hadr.* 1.5. Vide Dubuisson 1991.

que ele ficou famoso ao ter tido alguns problemas com Trajano por conta de ter sodomizado inúmeras vezes os libertos favoritos do imperador⁸⁹; todos sabiam do gosto de Trajano pelos jovens rapazes⁹⁰. Também, foi do conhecimento de todos, que ele levou a cabo a sua história de amor com um rapaz de origem grega, Antínoo. Segundo o autor da *História Augusta*, na ocasião da morte de Antínoo, Adriano “chorou como uma mulher”⁹¹. O autor acrescentou que Adriano, nos seus prazeres excessivos, gostava de escrever poemas de amor aos seus favoritos⁹², possivelmente em grego; gabava-se por cantar e tocar a cítara. O apelido *graeculus* era, sem dúvida, uma forma sutil utilizada pelos *patres* a fim de criticar o imperador no tocante ao seu amor pela diversidade da cultura grega. Independente do caráter pejorativo da crítica, Adriano foi um homem muito culto e apaixonado pela literatura grega. Segundo Eutrópio, era muito eloquente em latim e muito erudito em grego⁹³. Era visto como um grande estudioso, disciplinado e inteligente. Por conta da sua admiração pelos filósofos gregos (ou para esconder um defeito no rosto), lançou a moda da barba, imitando o estilo dos velhos filósofos. A moda foi difundida por todo o Império.

O final do seu principado foi marcado pela morte do seu favorito, Antínoo, que, possivelmente, faleceu afogado no rio Nilo. No entanto, há também a hipótese de que tenha sido assassinado. O desaparecimento de Antínoo foi uma grande perda para o imperador, que se recolheu em luto e consagrou um culto ao seu amado; fundou, no Egito, a cidade Antinópolis e mandou esculpir inúmeras estátuas de Antínoo que foram espalhadas por todo o Império. Essa história de amor foi imortalizada por Marguerite Yourcenar no seu romance *Memórias de Adriano*⁹⁴; narrado em primeira pessoa, como uma carta de Adriano a Marco Aurélio (futuro imperador que, na época, era jovem)⁹⁵.

A partir de 134, o autor da *Historia Augusta* não menciona mais nenhuma viagem de Adriano. Sabe-se que o imperador passou o final de sua vida, já muito doente⁹⁶, na suntuosa *Villa Hadriana*, construída nas imediações de Tíbur. Morreu em julho de 138 e deixou a sua sucessão organizada, preparando duas gerações de imperadores.

⁸⁹ *Hist. Aug. Hadr.* 4.5.

⁹⁰ D.C. 68.7.4.

⁹¹ *Hist. Aug. Hadr.* 14.5.

⁹² *Hist. Aug. Hadr.* 14.8.

⁹³ Eutr. 8.7.

⁹⁴ Yourcenar 1951.

⁹⁵ Nesse romance autobiográfico ficcional, Adriano escreveu sobre seus triunfos militares e sobre seu amor pela poesia, música e filosofia. Outrossim, escreveu sobre sua história de amor com Antínoo.

⁹⁶ D.C. 69.17.20 e 22.

11. A sucessão imperial de Adriano a Antonino Pio

O casal Adriano e Sabina (assim como o casal Trajano e Plotina) não teve filhos. Foi somente depois de 136 que o imperador começou a se preocupar com o problema da sucessão. Nesse sentido, Adriano adotou Lúcio Ceônio Cômodo Vero, que recebeu o nome de Élio Cesar. Jérôme Carcopino defendeu a tese de que Élio Cesar era um bastardo de Adriano, pois isso justificaria a adoção⁹⁷, mas sua tese não é convincente. De todo modo, essa adoção não gerou frutos, já que o adotado era de saúde frágil e morreu no dia primeiro de janeiro de 138. Foi então que Adriano adotou um homem originário de Nimes, na Gália, de carreira brilhante e de moral exímia: Tito Aurélio Fúlvio Boiônio Árrio Antonino, que mais tarde se tornou Antonino Pio. A adoção teve condições claras: Antonino foi obrigado a adotar, de sua parte, o filho do falecido Élio César que na ocasião tinha sete anos, Lúcio Ceônio Cômodo (futuro Lúcio Vero) e Marco Ânio Vero, descendente direto de Trajano, que na ocasião tinha dezessete anos (futuro Marco Aurélio). Antonino deveria ser intermediário até que os jovens tivessem condições de assumir o trono.

12. Antonino Pio (138-161)

Antonino Pio⁹⁸ era filho de Árria Fadila e de T. Aurélio Fulvo. O seu pai foi cônsul em 89 e eram originários de Nemauso, na Gália (atual Nimes, na França). À morte de seu pai, Antonino foi educado por Árrio Antonino, seu avô materno. Antonino Pio casou-se com Faustina, a Antiga, com a qual teve quatro filhos, dentre eles Faustina, a Jovem, futura Imperatriz, esposa de Marco Aurélio. Sua esposa era conhecida na cidade de Roma pela sua notória sabedoria e pelo fato de dedicar sua vida aos mais desprovidos. A sua morte, em 141, significou um grande sofrimento a Antonino Pio, que se vestiu de luto por um longo tempo e dedicou à esposa um templo em Roma (Diva Faustina).

Há poucas informações sobre Antonino Pio, o relato mais completo vem da *História Augusta*⁹⁹. A sua carreira política foi percorrida na época de Adriano. Depois de questor e pretor, tornou-se cônsul em 120. Foi nomeado por Adriano como procônsul na Itália e depois na Ásia. Foi um distinto membro do *consilium principis* de Adriano.

Antonino Pio, ao tornar-se imperador, teve como primeira tarefa convencer o senado a divinizar seu pai adotivo. Não foi fácil convencer os *patres*, pois tiveram relações ruins com o falecido imperador. Após conseguir tal feito, recebeu

⁹⁷ Carcopino 1958 6.

⁹⁸ Nasceu no dia 19 de setembro de 86 e morreu no dia 7 de março de 161.

⁹⁹ *Hist. Aug. Ant. Pius*.

o cognome de Pio¹⁰⁰. Assim como Augusto, Antonino Pio recebeu o escudo do senado proclamando a sua “*pietas erga deos patriamque*”¹⁰¹.

Para manter sua boa relação com o senado, Antonino Pio ab-rogou as decisões de Adriano sobre o aparelho administrativo que formava o conselho do príncipe e o conselho dos juristas que, de certa forma, excluía o senado. No entanto, essa realidade reapareceu sob Marco Aurélio e foi colocada sob a responsabilidade dos *iuridici*¹⁰². Durante todo seu reino, Antonino Pio prezou pela boa relação com os *patres*, e esforçou-se para se diferenciar de seu pai adotivo, ao ponto que raramente saiu de Roma.

Antonino Pio, por personificar as boas qualidades dos diferentes principados e por ser dotado de grande moderação, prudência e equanimidade, foi o pivô da dinastia, que carrega o seu nome. Seu filho adotivo e genro, Marco Aurélio, elogiou vivamente Antonino em suas *Meditações*¹⁰³: “Em tudo, agi como discípulo de Antonino Pio”. O imperador continuou o elogio dando relevo ao caráter moderado, justo, humilde, paciente e piedoso de seu pai adotivo. Foi durante seu reino que Aristides pronunciou o seu famoso discurso sobre o quão era maravilhoso viver no Império. Seu principado foi considerado a *belle époque* do Império Romano. Elio Lo Cascio sugere que a época de Antonino Pio foi um verdadeiro “verão indiano”, com um Império seguro, pacífico, tranquilo, que proporcionava qualidade de vida aos seus habitantes¹⁰⁴. Seu governo foi muito próspero economicamente, pois aumentou as reservas do Império e houve um grande enriquecimento das províncias.

Seu principado foi muito pacífico, apesar dos problemas militares no Egito e na Mauritània, na década de 140. Uma revolta na Britânia levou o imperador a erigir uma Muralha que leva seu nome, assim como fez Adriano; mas foi rapidamente abandonada. Pouco viajou, resolveu os problemas sem sair da Itália. Alguns historiadores o acusam de grande inércia, de não ter previsto os problemas nas fronteiras do Império e de ter passado uma bomba relógio a Marco Aurélio.

O principado de Antonino Pio foi o mais longo desde o de Augusto. Faleceu na Etrúria, em 7 de março de 161. A última palavra de Antonino Pio foi “equanimidade”. Seu corpo foi depositado no Mausoléu de Adriano. Em sua homenagem foi erigida uma coluna no Campo de Marte.

¹⁰⁰ Há outra versão sobre o recebimento do cognome: seu sogro, já idoso, apoiava-se sobre seu ombro ao entrar no edifício do senado, lembrando a tradicional imagem de Eneias carregando seu pai Anquises. Simbolizava, dessa forma, a *pietas*, uma virtude tão apreciada pelos Romanos

¹⁰¹ Devoção em relação aos deuses e à pátria, ou a consciência dos deveres em relação aos deuses e à pátria.

¹⁰² Roman 2000 248.

¹⁰³ Aur. *Med.* 6.30.

¹⁰⁴ Lo Cascio 1999 336.

13. A sucessão imperial e os dois herdeiros de Antonino Pio

Antonino Pio não teve que se preocupar com a sucessão, pois foi fiel ao seu pai adotivo, Adriano, que, antes de morrer, a organizara. Ele mudou pouca coisa. A vontade de Adriano era que Marco Ânio Vero (mais tarde Marco Aurélio) se casasse com a filha de Élio César, mas Antonino Pio o casou com sua própria filha, Ânia Faustina, ou Faustina, a Jovem. No entanto, na “escolha do melhor”, Antonino Pio demonstrava predileção por M. Ânio Vero, que era um pouco mais velho que seu irmão adotivo Lúcio Vero. Na corrida pelas honrarias, M. Ânio Vero, que nasceu em 121, destacava-se enormemente diante de Lúcio Vero, que nasceu em 130. Em 139, Marco Ânio Vero se tornou pretor. Posteriormente, ganhou o nome de César e recebeu o *imperium* proconsular juntamente com o poder tribunício. Os dois foram educados de forma parecida, mas Lúcio Vero só se tornou pretor em 153 e nunca recebeu o título de César.

14. Marco Aurélio e Lúcio Vero (161-169) e, então, Marco Aurélio (169-180)

Marco Aurélio nasceu em Roma no seio de uma família patricia, com o nome Ânio Catúlio Severo¹⁰⁵. Era filho de um pretor romano, Ânio Vero. Adriano o chamava de *Annius Verissimus* (o mais sincero). Era o preferido de Adriano para herdar o trono. Porém, à sua época ainda era muito jovem. Antonino Pio, adotado por Adriano, designou Marco Ânio Vero ao poder logo no início de seu principado, em 25 de fevereiro de 138. Depois da adoção, seu nome foi modificado para Marco Ânio Vero. Quando se tornou imperador, seu nome foi modificado, definitivamente, para Marco Aurélio Antonino Augusto. Sua biografia é conhecida por meio de Dión Cássio, Herodiano e Frontão, com o qual trocou muitas cartas.

Em 145, depois que Antonino Pio anulou o casamento de Marco Aurélio com Ceidônia Fábica, a filha de Élio César (como queria Adriano), Marco Aurélio se casou com a filha de Antonino Pio, Faustina, a Jovem. Tiveram treze ou quatorze filhos. Dois de seus filhos se destacaram: Lucila, que se casou com o co-imperador Lúcio Vero, e Cômodo, que assumiu o trono de Marco Aurélio. Apesar dos boatos dos autores da *História Augusta* sobre a infidelidade da esposa de Marco Aurélio, sabe-se que ele ficou muito afetado com a morte dela, em 176, na Capadócia. Devido ao fato dela o acompanhar nas campanhas militares, os soldados a chamavam, carinhosamente, de *Mater castrorum*, a mãe dos campos de batalha.

Após a morte de Antonino Pio, Marco Aurélio e Lúcio Vero dividiram o trono, sem dividir o Império, através de um pacto de fidelidade e cooperação.

¹⁰⁵ Nasceu em 26 de abril de 121 e morreu em 17 de março de 180.

Não se conhecem os motivos que conduziram à primeira divisão de poder do Império, além da adoção e do respeito à vontade de Adriano e de Antonino Pio - de qualquer maneira, eram ambos Augustos¹⁰⁶.

Díon Cássio demonstrou grande admiração por Marco Aurélio, apresentando-o como um grande estudioso. Mesmo como imperador, ele não se envergonhava de procurar os seus professores, como o filósofo Sexto da Beócia e o professor de retórica Hermógenes de Tarso. Era um homem de grandes virtudes. Durante seu principado enfrentou dificuldades extraordinárias, mas conseguiu sobreviver e salvar o Império¹⁰⁷. Para Herodiano, Marco Aurélio era perfeito no que se refere à prática das virtudes do homem romano¹⁰⁸.

Durante o principado de Marco Aurélio, houve perseguição aos cristãos. Em 165, Justino morreu em Roma, tornando-se um mártir. Em 177, houve uma grande perseguição em Lugdunum, atual Lyon, tendo como mártir principal Blandina, que se tornou santa. Para Marco Aurélio, o cristianismo se servia das paixões para instalar uma moral sem ligação com a natureza. Não suportava o “fanatismo dos cristãos” e não tolerava o “fetichismo” por Cristo, e por isso os perseguiu, considerando-os um perigo ao Império.

Deixou uma grande marca na dinastia, pois é conhecido como o imperador filósofo, por sua dedicação ao estoicismo. Herodiano afirmou que, de todos os príncipes que tomaram para si o título de filósofo, Marco Aurélio foi o único que o mereceu.¹⁰⁹ Marco Aurélio escreveu a famosa obra *Meditações*¹¹⁰. O imperador estoico, ao longo de suas *Meditações*, coloca em destaque os mais altos valores humanos: a prudência, a justiça, a coragem e a temperança. Marco Aurélio os utilizou no exercício do seu poder. Ele se preocupava com a precariedade da existência humana, a fugacidade do tempo, da memória, que englobam todos os homens, grandes ou pequenos, no esquecimento e na morte¹¹¹. O imperador da paz, que tinha o bem como fim, acabou por se transformar no imperador da

¹⁰⁶ Há analogias do poder que Marco Aurélio dividiu com Lúcio Vero com as Instituições da República Romana, quando o poder era dividido entre os dois cônsules. Esse tipo de sistema só se repetiu quando Diocleciano estabeleceu a tetrarquia imperial.

¹⁰⁷ D.C. 71.

¹⁰⁸ O príncipe deveria ser virtuoso para que os cidadãos o imitassem. Segundo Aurélio Victor, Marco Aurélio foi um dos imperadores mais homenageados em vida e depois de sua morte, com colunas, templos e sacerdotes. Aur. Vict. 16. 1.

¹⁰⁹ Herod.1.

¹¹⁰ Foi iniciado à filosofia muito cedo e teve Diogneto como mestre e logo depois Apolônio da Calcedônia. Em literatura grega foi aluno de Sexto da Queroneia, neto de Plutarco. Nas letras latinas e na retórica, teve como mestre Frontão, o mais famoso orador de seu tempo. Com Frontão, Marco Aurélio trocou algumas correspondências que dão preciosas informações sobre sua vida e o funcionamento da corte imperial antonina, (*Fronto Ep.*) de 139 até 166, ano da morte de Frontão.

¹¹¹ Para Marco Aurélio, o objetivo do homem seria viver de forma digna o seu presente, desempenhar seu papel como ser útil ao bem comum, pois os indivíduos, ligados à natureza, construiriam um todo que é o universo, já que o fim último da vida era o bem (*Aur. Med.*).

guerra. Ele buscou a paz, mas a guerra lhe foi imposta por um contexto difícil, o mais complicado de toda a dinastia. Enquanto Trajano erigiu uma coluna de uma guerra ofensiva que só enriqueceu Roma, Marco Aurélio, por sua vez, erigiu uma coluna de guerra defensiva que só empobreceu Roma e seu Império. O Principado nunca se recuperou dessa crise.

*

Quando Aristides proferiu seu discurso em 143, estava convencido que o Império Romano tinha atingido o seu apogeu e que as guerras não marcariam mais as vidas dos Romanos. Ele mal sabia que em menos de duas décadas o Império estaria envolvido em difíceis guerras no principado de Marco Aurélio¹¹². Se Trajano conquistou novos territórios, Marco Aurélio só pôde defender o *limes*. Seu principado foi o palco de conflitos contra os Partos e contra os Germanos.

No mesmo ano em que Marco Aurélio ascendeu ao trono, os Partos invadiram algumas províncias orientais do Império, notadamente a Armênia, que estava sob o protetorado romano. Os Germanos tentaram penetrar na Gália. O imperador tinha que se dividir para defender as duas fronteiras. Dessa forma, Marco Aurélio enviou seu co-imperador, Lúcio Vero, para guardar as fronteiras no Oriente e ele mesmo se ocupou das fronteiras na Germânia. No combate aos Partos, os Romanos se depararam com uma derrota. No Oriente, as operações mais importantes ficaram a cargo de Estácio Prisco e Avídio Cássio. Instalaram-se em Antioquia e, pouco a pouco, entre 162 e 166, os Romanos reconquistam seus territórios pilhando Selêucida do Tigre e a capital Ctesifonte.

Em 166, na ocasião do triunfo dos dois imperadores, os Romanos foram confrontados com uma tragédia ainda maior, a peste antonina. Esta dizimou parte da população romana e gerou grandes consequências sociais e econômicas. Para piorar o cenário, os Romanos também tiveram que conviver, no início do principado de Marco Aurélio, com a grande inundação do Tibre em 161 (rio que corta a cidade de Roma) e o terramoto em Cízico, na Anatólia.

A guerra com os Partos mal havia acabado e o governo de Marco Aurélio tinha um desafio ainda maior, a guerra com os germanos Marcomanos instalados à margem do Danúbio. Estes ameaçavam invadir a Gália e, depois, a Itália. Em 169, Lúcio Vero morreu nas fronteiras do Oriente, sempre fiel ao seu irmão adotivo. A partir de então, Marco Aurélio teve que enfrentar os problemas sozinho. Durante mais de cinco anos, de 169 a 175, Marco Aurélio conviveu com a ameaça dos Marcomanos. Teve como grandes apoiadores Cláudio Pompeiano e Pertinaz. Concomitante à guerra contra os Marcomanos, outra questão assolou o Império. Em 175, o rumor da morte de Marco Aurélio conduziu Avídio Cássio, governador de um grande território no Oriente, a

¹¹² Alföldy 1989 172.

se autoproclamar imperador graças a uma conjuração no Egito e em algumas províncias orientais. Públio Márcio Vero, governador da Capadócia, fiel a Marco Aurélio, ajudou-o até que ele pudesse organizar as legiões danubianas para marchar sobre Avídio Cássio. Nesse ínterim, apesar do perdão de Marco Aurélio, o senado declarou Avídio Cássio inimigo público. Não foi necessário um confronto direto, pois em 175, um centurião de Avídio Cássio o assassinou durante uma revolta, depois de três meses de reinado. A cabeça de Avídio Cássio foi enviada a Marco Aurélio, e este se recusou a vê-la, exigindo que fosse enterrada dignamente¹¹³.

Após o conflito com Avídio Cássio, Marco Aurélio resolveu viajar pelo Oriente com sua esposa e com seu filho, Cômodo. Visitaram a Cilícia, a Síria, o Egito, Esmirna e Atenas. Sua esposa faleceu durante essa viagem e o imperador se recolheu em luto. No final de 176, o imperador realizou os triunfos da vitória sobre os Germanos. O triunfo foi efêmero, pois, em 177, Marco Aurélio teve que retornar à fronteira danubiana com seu filho, Cômodo, para conter outra revolta. Marco Aurélio adoeceu na Panônia, e morreu em 17 de março de 180, provavelmente em Vindóbona (atual Viena, capital da Áustria), como suposta vítima da peste¹¹⁴. Para Díon Cássio e Herodiano, Marco Aurélio foi o último imperador de uma Roma feliz¹¹⁵.

15. A sucessão imperial de Marco Aurélio a Cômodo

Quando Antonino morreu, toda a sucessão já tinha sido minuciosamente organizada. Ele tinha dois herdeiros, Marco Aurélio, o preferido, e Lúcio Vero. Em 169, com a morte de Lúcio Vero, Marco Aurélio governou sozinho e, depois, seu filho se tornou co-imperador. No seu caso, a sucessão não foi um problema, pois ele era o único dos Antoninos a ter herdeiro direto. Cômodo foi o herdeiro de seu pai, pois todos os outros seus irmãos tinham morrido. Se ele sobreviveu não seria um sinal dos deuses que ele deveria herdar o trono? Sim, os antigos entenderam que os deuses o haviam escolhido. Em 166, o próprio Marco Aurélio lhe concedeu o título de César. Em 176, recebeu o título de *imperator* e, no dia primeiro de janeiro de 177, tornou-se cônsul. No mesmo ano, recebeu o nome de *Augustus*, podendo, a partir de então governar com seu pai, que morreu poucos anos depois, em 180. Segundo Díon Cássio, a morte de Marco Aurélio simbolizou o fim da Idade de Ouro e início da época de ferro e ferrugem¹¹⁶.

¹¹³ Hist. Aug. *Avid. Cas.*

¹¹⁴ Díon Cássio defendeu que Marco Aurélio fora envenenado pelos seus médicos por ordem de Cômodo, que já era co-imperador desde 177 (D.C. 71).

¹¹⁵ D.C. 72. 36.4 e Her. 2.14.3.

¹¹⁶ D.C. 71.36.

16. Cômodo (180-192)

Cômodo¹¹⁷ nasceu da união do imperador Marco Aurélio com Faustina, a Jovem, filha de Antonino Pio¹¹⁸. Teve um irmão gêmeo, Antonino, que morreu aos quatro anos. Sua época foi narrada por Díon Cássio¹¹⁹, Herodiano e pelo autor da *História Augusta*. Há poucas fontes sobre sua vida, e as existentes apresentam sempre uma visão negativa, de forte influência senatorial. Foi o único imperador da dinastia Antonina a ascender ao trono por linhagem sanguínea direta, o único porfirógênito.

Tradicionalmente, considera-se o principado de Cômodo como o período de 180 a 191. No entanto, ele foi corregente de seu pai a partir do dia primeiro de janeiro de 177, quando recebeu o título de Augusto. Até à morte de Marco Aurélio, eles governaram juntos. À morte do pai, na fronteira do Danúbio, em 180, não houve resistência do senado e nem do exército para que Cômodo se tornasse imperador. Ele, que havia lutado ao lado de seu pai¹²⁰ na guerra contra os Marcomanos, decidiu, logo no início do seu principado, encerrar a política de guerra e propôs uma negociação de paz com os Germanos. O exército romano continuou em campanhas no Danúbio de 180 a 182. Dessa forma, voltou para Roma a fim de se apresentar à plebe e assegurar seu poder. O senado não pareceu contente com o abandono das políticas ofensivas de Cômodo. Assim como Adriano, que abandonou alguns territórios conquistados por Trajano, Cômodo foi mal visto pelo senado¹²¹.

O início do seu principado foi marcado por uma conspiração originária do próprio seio familiar, liderada pela sua irmã Lucila, viúva de Lúcio Vero (corregente de Marco Aurélio). Na ocasião, Lucila era esposa de Tibério Cláudio Pompeiano; talvez o melhor general de Marco Aurélio. Essa conspiração teve o apoio do senado e enfraqueceu o governo de Cômodo, mas não o derrubou. A irmã foi exilada e depois executada, e seu esposo foi afastado da vida pública. Cômodo se aproximou cada vez mais do seu círculo privado de amigos e favoritos, distanciando-se do senado, de forma a piorar uma relação que nunca foi boa. Também procurou apoio do prefeito do pretório, inicialmente, junto a Perênio, em 182, e, em 185, junto a Cleandro, um liberto imperial que se tornou equestre. As intrigas na guarda pretoriana eram constantes, ao ponto que, em 190, Cleandro foi substituído por Leto.

¹¹⁷ Nasceu em 31 de agosto de 161 e morreu em 21 de dezembro de 192.

¹¹⁸ Sua mãe, quando grávida, sonhava que daria à luz serpentes. *Hist. Aug. Comm.* 1. 3.

¹¹⁹ D.C. 72.

¹²⁰ Eutr. 8.

¹²¹ O fato de o senado detestar Cômodo foi um motivo a mais para o autor da *História Augusta* ver nele um homem extravagante, depravado e irresponsável? Possivelmente sim.

Cômodo ficou conhecido pela posteridade como o imperador que era apaixonado pelos jogos. Jogos estes que seu pai havia proibido e que, desde a época de Plínio¹²², já não eram bem-vistos pela elite senatorial. Os senadores o viam como um herdeiro de sangue de saúde mental frágil que era dominado por um liberto. Ao restabelecer os jogos, Cômodo foi, novamente, de encontro à ótica senatorial. Segundo o autor da *História Augusta*, o gosto de Cômodo pela violência foi prematuro. Aos doze anos de idade já demonstrava uma certa perversidade¹²³. No entanto, ao se aproximar dos jogos, Cômodo ganhava o coração do povo. Não só oferecendo espetáculos e até participando deles, mas também, utilizando um certo carisma religioso, levando a Roma deuses estrangeiros e promovendo o culto a Júpiter, pai de Hércules. Para aproximar-se do povo, desceu ao posto de gladiador no anfiteatro. Como era devoto a Hércules, autodenominou-se Hércules Romano, exigindo culto a si mesmo como se fosse a reencarnação do deus¹²⁴. E, como se considerava um deus, mudou o nome de Roma para Colônia Comodiana¹²⁵.

17. O final da dinastia Antonina

O final do principado de Cômodo foi marcado por várias conjurações. Em uma delas, ele sucumbiu, quando Márcia, sua concubina, juntamente ao prefeito do pretório, Leto, assassinaram-no na virada do ano de 192 para 193. Jovem, sem filhos e sem herdeiros adotados, ele deixou o Império em situação difícil e, na falta de um Antonino, a dinastia viu seu fim. O senado, mais que depressa, reservou a Cômodo o mesmo destino de Nero e de Domiciano, a *damnatio memoriae*¹²⁶. Imediatamente, após sua morte, Pertinaz vestiu a púrpura, mas foi logo assassinado. Em 193, após alguns conflitos, o Império foi entregue ao então Governador da Panônia, Septímio Severo¹²⁷. Quando este se tornou imperador, para ganhar a simpatia da plebe e do exército, obrigou o senado a divinizar Cômodo. O senado, a contragosto, obedeceu. Isso mostra o quanto o falecido imperador era amado pelo povo. Os Severos, por sua vez,

¹²² Plin. *Ep.* 9.6.

¹²³ “Já em criança era guloso e depravado. Quando jovem desonrou todo o tipo de homens do seu redor e por todos era desonrado. A quem se ria dele lançava-o aos animais selvagens...” (*Hist. Aug. Comm.* 10).

¹²⁴ *Hist. Aug. Comm.* 8.5.

¹²⁵ *Hist. Aug. Comm.* 8.6.

¹²⁶ Her. 1.14.8.

¹²⁷ Vide os detalhes da transição de poder em Gonçalves 2007.

tentaram se filiar aos Antoninos quando Septímio deu o nome de Antonino ao seu filho, Caracala¹²⁸.

18. A perspectiva senatorial e o retrato da dinastia Antonina

Os escritores, historiadores e biógrafos da época antonina não ousaram criticar a vida de seus próprios soberanos como fizeram com outros, por razões óbvias. Embora o regime fosse louvado, pelo menos no campo da retórica, como o reino da paz e da liberdade, a realidade era diversa. Se o imperador não gostasse de sua própria história ou biografia, o risco de morte do escritor seria considerável. Quase tudo que se conhece sobre o Império Romano foi escrito na época Antonina, pois a maior parte dos escritores, historiadores e biógrafos que chegaram à atualidade, viveram nessa época: Plínio, o Jovem, Tácito, Suetônio, Aristides, Plutarco e outros. Eles tinham algo em comum, pois de modo geral, eram bastante influenciados pela ideologia senatorial, sendo alguns deles senadores, e eram de origem provincial (exceto Suetônio, cujo local de nascimento é incerto). Esses provinciais, vivendo em Roma, pareciam mais romanos que os próprios Romanos de origem. Na época de Trajano, a alegria de ser romano, mesmo para os provinciais, atingiu seu auge¹²⁹. Díon Cássio, Herodiano e posteriormente os escritores da *História Augusta* também tinham essas questões em comum com os primeiros.

De todos os imperadores, Nerva foi o mais bem visto, pois era membro do senado e assegurava uma excelente relação entre o poder imperial e os senadores. Pelo que tudo indica, antes mesmo do assassinato de Domiciano, fora escolhido pelos *patres*. Prometeu que nenhum senador seria morto no seu reino. Colocou um ponto final nas perseguições aos seus pares e devolveu, aos exilados, os bens confiscados por Domiciano.

Sobre as relações entre Trajano e o senado, nem é necessário aprofundar-se muito, basta ler o *Panegírico a Trajano* de Plínio, O Jovem. Trajano foi bem-visto pelos senadores, pois jurou não exercer o autoritarismo sobre os *patres* e, como Nerva, deu sua palavra que nenhum senador seria julgado sem a participação dos pares¹³⁰. Também tirou do exílio inúmeros senadores e equestres, devolvendo-lhes os bens confiscados por Domiciano. Tamanha generosidade lhe valeu o título de *pater patriae*, ofertado pelo próprio senado. Dando provas de uma política de equidade juntamente com o senado, Trajano reafirmou sua própria posição como sendo o primeiro entre os pares - *primus inter pares*. Bastou isso para que Plínio, o Jovem, o considerasse como “um dos nossos”¹³¹.

¹²⁸ *Hist. Aug. Sev.* 9 e Gonçalves 2007 3.

¹²⁹ Roman 2000 244.

¹³⁰ D.C. 68. 5.

¹³¹ Plin. *Pan.* 2.4.

Plínio escreveu que Trajano teria dito que o príncipe não estava acima das leis, mas as leis estavam acima do príncipe¹³². Apesar dessa política de aparente igualdade, o próprio Plínio destacou que tudo dependia da vontade de um só homem, Trajano¹³³. Como prova de deferência, o senado prestou a Trajano uma grande homenagem, concedendo-lhe um título honorífico *Optimus Princeps*, em referência a Júpiter, deus conhecido como *Optimus Maximus*. A posteridade o consagrou como o melhor de todos os príncipes. Diante dessas relações com o senado, não é à toa que ele foi tão louvado. O mesmo não aconteceu com o seu sucessor, Adriano.

Adriano centralizou o poder e, ao ter à sua disposição o *consilium principis* para ajudá-lo, ignorou, de certo modo, o senado. Isso só contribuiu para aumentar o ódio dos senadores por Adriano. Já a ordem equestre gozou de mais prestígio durante seu principado e isso não agradou ao senado, que se sentiu preterido. A própria adoção de Adriano foi questionada, pelo menos officiosamente, por muitos membros do senado. A situação se tornou ainda pior quando, logo no início do seu principado, depois de ser vítima de uma conspiração, Adriano executou quatro ex-cônsules conspiradores, entre eles Lúcio Quieto (comandante da cavalaria à época de Trajano). As execuções foram ordenadas sem o acordo prévio dos senadores. A Cúria se distanciou ainda mais de Adriano e ficou apavorada, pois a qualquer momento um deles poderia ser uma nova vítima, já que o novo imperador não se comportava como os seus predecessores, Nerva e Trajano. A situação hostil com o senado piorou, de vez, quando Adriano compeliu um de seus parentes, o senador Lúcio Júlio Urso Serviano, que já tinha mais de noventa anos, ao suicídio. Adriano desconfiava que este buscava a sucessão imperial para o seu neto, que também teve que se suicidar. Essa decisão causou revolta entre os *patres*, que outra vez não foram consultados sobre a morte do senador. Foram raros os momentos em que Adriano e o senado se deram bem, mas com Antonino Pio o quadro foi diferente.

Antonino Pio, de tão querido pelo senado, conseguiu divinizar Adriano com o consentimento dos *patres*. Tal feito lhe valeu o nome de Pio, uma grande deferência. Esforçou-se, continuamente, para manter boas relações com o senado, chegando ao ponto de deixar de lado as reformas administrativas de Adriano que não prestigiavam os *patres*. Marco Aurélio foi um dos mais admirados. Apesar de ter sido o imperador que enfrentou mais problemas no conjunto do Império, continuou a ser louvado pelos autores senatoriais que viam nele uma grande fonte de moderação¹³⁴.

Quanto a Cômodo, Herodiano escreveu que o Império Romano foi governado com dignidade somente até Marco Aurélio. Já nas mãos de Cômodo, o

¹³² Plin. *Pan.* 64-65.

¹³³ Plin. *Ep.* 3.20.12.

¹³⁴ Para Herodiano, os tempos de Marco Aurélio eram sempre recordados com prazer: Her. 2. 14. 3.

Império foi entregue aos erros de sua juventude, que eram atribuídos aos aduladores e conselheiros, sempre cúmplices da infâmia imperial¹³⁵. Esse imperador foi, certamente, o mais criticado pelos historiadores e biógrafos. Essas críticas senatoriais aparecem de forma clara na sua biografia da *História Augusta*. Díon Cássio o considerava como um grande assassino, ao ponto de escrever que tornaria sua escrita entediante se descrevesse todas as vítimas do jovem imperador¹³⁶.

De acordo com a visão dos senadores, Cômodo não demonstrava muito zelo pelas tarefas quotidianas do seu governo. Durante muito tempo, manteve-se isolado na sua propriedade em Lanúvio. A mentalidade senatorial pintou um quadro obscuro de Cômodo, no qual ele é representado como um tirano irresponsável, cruel e pervertido; como um imperador que se isolou da aristocracia, a mais prestigiosa, e se aproximou de um pequeno grupo de conselheiros (assim como Adriano). Como o senado pôde detestar tanto o filho de Marco Aurélio, o excelente imperador admirado por todos? A própria mentalidade senatorial resolveu esse problema ao duvidar da paternidade de Cômodo. Para Díon Cássio, Faustina, a Jovem, era uma mulher de hábitos duvidosos e infiel que traía o marido com marinheiros, atores teatrais e até mesmo com gladiadores¹³⁷. Assim, poder-se-ia explicar o gosto do jovem Cômodo pelos jogos violentos.

Como um imperador tão amado pela plebe e pelo exército¹³⁸ pode ter tido uma imagem tão execrável elaborada pelo senado? Se for acreditar piamente no que prega a mentalidade senatorial representada nas biografias e histórias dos imperadores, a vida de Cômodo, juntamente com a de Calígula, Nero, Domiciano e, às vezes, a de Adriano, não mereceriam crédito algum. Adriano também era querido pelo povo e pelo exército e assim como Nero, não foi poupado das críticas senatoriais. Não se pode esquecer que o Império se fundava em três poderes com os quais o imperador tinha que se relacionar de modo equilibrado: o povo, o senado e o exército. Muitos imperadores foram adorados pelo povo e pelo exército, mas bastava ser detestado pelo senado – intérpretes dos fatos e produtores de documentos – para que a sua imagem ficasse para sempre maculada.

Se os imperadores “inimigos” do senado foram retratados de forma execrável, as “inimigas” do senado, mulheres da *domus* imperial também não deixaram de ser mal retratadas. São os casos de Agripina e Plotina. Muitos senadores viam a aproximação de Adriano a Plotina como uma possível ameaça que relembra a relação de Agripina com Nero. As mulheres imperais – fossem elas mães, esposas ou próximas do poder – não foram poupadas. No entanto, como não era conveniente criticar as mulheres do presente, devido aos riscos corridos, as mulheres do passado eram então criticadas para mostrar os problemas, na

¹³⁵ Her. 2.10.3.

¹³⁶ D.C. 73.4.1 e 73.7. 3. Díon aproxima a figura de Cômodo à de Domiciano.

¹³⁷ Vide Levick 2014 81.

¹³⁸ Her. 2.6.10.

visão senatorial, do próprio presente. Foi isso que historiadores e biógrafos da época Antonina fizeram¹³⁹.

Há duas formas de se analisar a produção senatorial e sua relação com a época antonina. A primeira é a partir da análise dos escritores da própria época, as testemunhas oculares, como, notadamente, Tácito e Suetônio. Eles só conseguiram criticar o presente escrevendo sobre o passado, nesse caso, a época júlio-cláudia. Faz-se necessário partir do princípio que, muito frequentemente, em período de opressão, toda escrita da história tende a ser militante. Nesse sentido, os senadores da época de Adriano, que certamente se sentiam ameaçados pelo príncipe, militavam tacitamente ao escreverem seus textos, denunciando problemas do presente na análise do passado¹⁴⁰. Dessa forma, ao que tudo indica, Adriano foi atrelado à figura de Nero e ligado a vícios de outros imperadores; foi o alvo desses escritores, pois eram coetâneos. Levando em consideração que, no plano administrativo, Nero foi um bom imperador e era querido pelo povo, faz-se necessário perguntar: o imperador Nero, produzido por esses autores da Época Antonina, seria realmente aquilo que foi apresentado ou seria então um grito sufocado desses autores na tentativa de criticar Adriano? Essa é uma questão que deve ser mais aprofundada em torno dos elementos que os aproximam (filelenismo, homoerotismo, presença forte de figuras femininas, etc.)¹⁴¹. O escritor - seja ele historiador, biógrafo, etc. - nunca evade seu próprio tempo.

A segunda forma de se estudar a documentação senatorial produzida sobre a Época Antonina é a partir da análise da produção historiográfica e biográfica concebida posteriormente à época relatada por autores dos séculos III e IV que vai de Díon Cássio e Herodiano até aos autores da *História Augusta*. Esses autores, também embebidos na ótica senatorial, tiveram mais distância dos fatos e não correram os mesmos riscos que Tácito e Suetônio. Cômodo foi claramente ligado à figura de Calígula, de Nero e de Domiciano. Díon Cássio foi testemunha ocular do principado de Cômodo, mas só escreveu na época dos Severos. Segundo José L. Brandão, quando se lê a biografia de Cômodo na *História Augusta*, o leitor tem uma impressão de *déjà vu* que o transporta para

¹³⁹ Díon e os escritores da *História Augusta* foram mais mordazes na elaboração do quadro das mulheres Antoninas, sobretudo no de Plotina e de Faustina, a Jovem, pois quando escreveram já havia passado muito tempo e a dinastia não estava mais no poder.

¹⁴⁰ Tácito, antes de ser um historiador, era político, um senador. Suetônio, particularmente, teve graves problemas pessoais com Adriano devido ao seu suposto envolvimento com a Imperatriz Sabina.

¹⁴¹ Sabe-se que Tácito e Suetônio publicaram seus livros na época de Adriano e jamais poderiam criticar o imperador diretamente, caso contrário correriam riscos de vida. A única forma de fazê-lo seria escrevendo sobre o passado, mas sempre de modo tácito e indireto, nas entrelinhas. Destacaram nos predecessores, sobretudo Tibério, Calígula e Nero, os vícios proeminentes da época de ouro. Eles obedeceram a uma ordem histórica natural, a de que os valores do presente são indissociáveis do ato da escrita.

o texto de Suetônio sobre as vidas de Calígula e Nero¹⁴². Para Brandão, a vida de Cômodo, na *História Augusta*, “reflete a mentalidade senatorial: representa um forte ataque, usando como arma a moral tradicional.”¹⁴³ Além disso, mergulhados na mentalidade senatorial, os autores omitiram os bons feitos de Cômodo que ajudariam a equilibrar a imagem do imperador, haja vista que o ódio a Cômodo não era universal¹⁴⁴. Então, os primeiros, testemunhas oculares, criticaram a própria época nas entrelinhas ao abordarem o passado: a época júlio-cláudia. Os segundos, Dion Cássio e Herodiano, devido ao distanciamento, puderam ser mais audaciosos ao fazer críticas diretas aos Antoninos que, no contexto deles, já estavam mortos. Os autores da *História Augusta* seguiram nessa mesma linha e desvelaram como os *patres conscripti* do século IV, ou parte deles, viam e sentiam o mundo.

A perspectiva senatorial com relação a Adriano e a Cômodo - os dois imperadores antoninos que se distanciaram do senado - fica ainda mais clara quando o estudioso de hoje se depara com o profundo conservadorismo aristocrático da historiografia antiga, produzida pelas ordens dirigentes. Esse conservadorismo é apontado por Fábio Favarsani ao lembrar que os autores aristocráticos viam a centralização do poder imperial e a conseqüente diminuição da influência da aristocracia nas decisões políticas como fenômenos sempre condenáveis, pois seriam portadores de perigosas tendências ao autoritarismo e à tirania¹⁴⁵. Os imperadores ideais, para essa perspectiva senatorial, foram aqueles que governaram juntamente com a aristocracia, como Nerva, Trajano, Antonino Pio e Marco Aurélio. É também nesse princípio que se baseiam Maquiavel e Gibbon. Essa ideologia senatorial garantia aos membros da cúria a posição de destaque dentro das relações de poder do Império. O senado e, por conseqüente, a escrita, era o local de expressão deles, e é normal que o resultado fosse esse, pois era necessário, de alguma forma, defender-se. Louvar os amigos, mesmo quando não foram tão competentes administrativamente - como Nerva (que teve dificuldades com os pretorianos e com o exército) e Antonino Pio (que, de certo modo, fechou os olhos para os problemas nas fronteiras) - e criticar os inimigos - como Adriano e Cômodo (os dois amados pelo povo e pelo exército, sendo o primeiro deles conhecido como bom general e bom administrador) - fazia parte do contexto político no qual esses senadores estavam inseridos.

Desse modo, é notório que os imperadores que respeitaram as prerrogativas senatoriais tiveram um bom retrato, mas aqueles que “desrespeitaram” o senado foram jogados na lama e seus bons feitos relegados ao esquecimento.

¹⁴² Brandão 2007 133.

¹⁴³ Brandão acrescenta que “histórias inventadas, fruto da maledicência dos inimigos que Cômodo granjeou no senado, ficaram agarradas para sempre à reputação do imperador.” Brandão 2007 142.

¹⁴⁴ Brandão 2007 143-144.

¹⁴⁵ Favarsani 2007 146.

O problema é que na falta de documentação para se estabelecer uma comparação, os textos de origem senatorial acabaram abundando. É essa visão que se tornou tradicionalmente a mais assimilada. Em pleno século XXI, as visões de Tácito e Suetônio que alimentaram Maquiavel e Gibbon ainda são proeminentes e a perspectiva senatorial continua a triunfar entre os historiadores; ora aceita de modo automático, ora levemente questionada. Para mudar esse quadro é necessário muito trabalho. Apesar do esforço dos estudiosos do mundo antigo, infelizmente, está-se longe de apresentar esses imperadores de forma mais clara. No entanto, reside aí toda a arte e encanto do ofício do historiador. Uma possibilidade de saída, por exemplo, seria insistir em uma pesquisa que parta de uma abordagem baseada no estudo de um paradigma indiciário, com a análise comparativa de vários *corpora* documentais, e que leve em consideração, efetivamente, o discurso da obra atrelado ao contexto no qual foi concebida e conhecida. Ao estudar a época de Nero ou de outro imperador produzida pelos autores da época Antonina, o historiador deve prestar mais atenção na época antonina (contexto de produção do documento) do que na época de Nero em si (sem ignorá-la, obviamente). Isso parece tão óbvio, mas nem por isso é fácil e usualmente feito.

Ao se colocar esse paradigma senatorial em questão, abrem-se, inevitavelmente, muitas janelas para novas observações. Nesse sentido, é necessário questionar a produção marcada pela perspectiva senatorial e sempre indagar se Adriano e Cômodo (Calígula, Nero, Domiciano) não foram “vítimas” dessa perspectiva ao terem sido retratados da forma como foram. Contudo, questionar a perspectiva senatorial não significa que deva ser ignorada, por ser partidária. A perspectiva senatorial deve ser pensada como um dos vários elementos da sociedade romana, e jamais como um todo.

Portanto, o que chegou à atualidade sobre a dinastia Antonina a partir das fontes escritas deve ser visto como uma “representação” de como a ordem senatorial via e sentia o mundo. Essa forma fica clara quando esses escritores, nutridos por essa perspectiva, denunciaram, tacitamente, os problemas de sua própria época ao escreverem sobre o passado de Roma.

Tábua cronológica

- 96 – (16 de setembro) assassinato de Domiciano.
- 96 – 98 – Marco C. Nerva.
- 96- *Damnatio memoriae* de Domiciano.
- 97 – Nerva adotou Trajano.
- 98 – Morte de Nerva
- 98-117 – Marco U. Trajano.
- 100 – (1º de setembro) Plínio, o Jovem, proferiu o Panegírico a Trajano.
- 101-102 – Primeira Guerra Dácica.
- 105-106 – Segunda Guerra Dácica.
- 106 – Anexação do reino Nabateu de Petra.

- 114-117 – Guerra Pártica
 115 - 117 – Revoltas judaicas no Egito, na Cirenaica, em Chipre e na Judeia.
 117 – Morte de Trajano na Cilícia.
 117-138 – Púbblio Élio Adriano.
 118 – Assassinato dos 4 ex-cônsules.
 120-125 – primeira grande viagem de Adriano.
 c. 120 – Tácito redigiu os *Anais* sobre os Júlio-Cláudios de 14 a 66 d.C.
 120 – Suetônio redigiu *A vida dos doze Césares*.
 122 – Construção do *Vallum Hadriani* na Britânia.
 126 – Morte de Plutarco.
 130 – (outubro) fundação de Antinópolis, em homenagem a Antínoo.
 131 – Édito Perpétuo.
 132-135 – Revolta judaica liderada por Simone Bar Kokhba.
 138 – Adoção de Tito A. Antonino.
 138 – (10 de julho) morte de Adriano.
 138-161 – Antonino Pio.
 144 – Élio Aristides proferiu o *Elogio a Roma*.
 147 – Marco Aurélio é associado ao Império.
 161 – (7 de março) Morte de Antonino Pio.
 161-180 – Marco Aurélio.
 161-169 – Marco Aurélio e Lúcio Vero dividem o poder.
 161-166 – Guerra contra os Partos.
 165-166 – Peste no Ocidente.
 167 – Ataque contra os Marcomanos.
 169 – (janeiro) morte de Lúcio Vero.
 175 – Revolta de Avidio Cássio.
 180 – (17 de março) morte de Marco Aurélio.
 180-192 – Cômodo.
 182 – repressão à primeira conjuração de Lucila e da *nobilitas*.
 192 – Cômodo mandou executar vários senadores.
 192 – (31 de dezembro) Morte de Cômodo na conjuração de Múrcia.
 192 – o *prefectus urbi*, Pertinaz, foi aclamado como imperador de Roma.

Bibliografia

Fontes

- Amiano Marcelino: Galletier, E. (1968), Ammien Marcellin. *Histoires*. Tome I: Livres XIV-XVI, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
 Apiano: Appien. Goukowsky, P. (1997), *Histoire romaine. L'Ibérique*. Tome II: Livre VI, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
 Apuleio: Valette, P. (1940), Apulée. *Les Métamorphoses*. Livres I-III, ed., trad. texte établi par D. S. Robertson et traduit par. Paris, Les Belles Lettres.
 Aulo Gélíio: Marache, R. (1967), Aulu Gelle. *Nuits Attiques*. Tome I: Livres I-IV, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
 Aurélio Vitor: Dufraigne, P. (2002), Aurelius Victor. *Livre des César*. ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
 CIL: Mommsen, T. ed. (1888), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, BBAW, Berlim.
 Digesto: Mommsen, T. – Krüger, P. – Watson, A. eds (1985), *Corpus Iuris Civilis. Digesta Iustiniani. The Digest of Justinian*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
 Élio Aristides: Gascó, F. – Ramírez de Verger, A. (1987), *Elogio a Roma* (introdução, tradução, notas). Madrid, Editorial Gredos, 1987.

- Dião Cássio: Gros, R. (1867). Dion Cassius. *Histoire romaine*. ed., trad., Paris, Librairie de Firmin Didot Frères.
- Eutrópio: Hellegouarc'h, J. (1999), *Eutrope. Abrégé de l'histoire romaine*, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Frontão: Fleury, P. (2003), Fronton. *Correspondance*. trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Herodiano: Esbarranch, J. (1985), *Historia del Império Romano después de Marco Aurélio*. ed., trad. Madrid, Gredos.
- História Augusta: Teixeira, C. A. – Brandão, J. L. – Rodrigues, N. S. (2012). *História Augusta* (tradução, introdução, notas e índice). Classica Digitalia, Brasil, S. Paulo.
- História Augusta: Chastagnol, A. (1994), *Histoire Auguste*. ed., trad. Paris, A. Coll. Bouquins, Robert Laffont.
- Marco Aurélio: Hadot, P. (1998), Marc Aurèle. *Pensées, Écrits pour lui-même*. ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Marcial: Izaac, H. J. (1934), Martial. *Épigrammes*. ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Plínio, o Jovem: Zehnacker, H. – Méthy, N. (2011), Pline le Jeune. *Lettres*. Tome II: Livre IV-VI, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Plínio, o Jovem: Zehnacker, H. – N. Méthy. N. (2017). Pline le Jeune. *Lettres*. Livre X, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Plínio, o Jovem: Durry, M. (1948), *Pline le Jeune. Panégyrique de Trajan*. ed., trad., Paris, Les Belles Lettres.
- Suetônio: Ailloud, H. (2011), Suetone. *Vies des douze Césars*. Tome III, Paris, Les Belles Lettres, 2011.
- Tácito: Saint-Denis, E. (1942), Tacite. *Vie d'Agricola*. ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Tácito: Wüilleumier, P. - Le Bonniec, H. - Hellegouarc'h, J. (1987). Tacite. *Histoires*. Tome I: Livre I, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Tácito: Wüilleumier, P. - Le Bonniec, H. (1990). Tacite. *Annales* (livres IV-VI), ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.
- Tácito: Le Bonniec, H. - Hellegouarc'h, J. (2002). Tacite. *Histoires*. Tome III: Livres IV et V, ed., trad. Paris, Les Belles Lettres.

Estudos

- Andreau, J. (2001), “La cité romaine dans ses rapports à l'échange et au monde de l'échange” in S. Lefebvre org., *Rome, ville et capitale de Jules César à la fin des Antonins*. Paris, Vuibert, 254 – 277.
- Alföldy, Géza (1989), *História social de Roma*. Lisboa, Presença.
- Bennett, J. (1997), *Trajan, Optimus Princeps*. London, Routledge.
- Birley, A. (2000), Hadrian to the Antonines in Bowman, P. Garnsey, Rathbone, D., *The Cambridge Ancient History*. Cambridge, Cambridge University Press 132-194.
- ____ (2002), *Marcus Aurelius, a Biography*. London, Routledge.
- Brandao, J. L. (2007), “Cómodo: outro Calígula, outro Nero”. *Humanitas* 59, 133-146.
- ____ (2009), *Máscaras dos Césares – teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra
- Brian, W. (1992), *The Emperor Domitian*. London, Routledge.
- Carcopino, J. (1958), *Passion et politique chez les Césars*. Paris, Hachette.
- Carrié, J.-M. - Rouselle, A. (1999), *L'empire romain en mutation des Sévères à Constantin 192-337*. Paris, Seuil.
- Castilho, J. (1906), *Os dois Plínios: estudos da vida romana*. Lisboa, Officinas Typographica Antonio Maria Pereira.
- Chausson, F. (2003), “Regards sur la famille de l'empereur Lucius Vérus” in F. Chausson – E. Wolff, orgs. *Consuetudinis amor. Fragments d'histoire romaine (IIe-VIe siècles) offerts à Jean-Pierre Callu*. Rome, L'Erma di Bretschneider 103-161.
- ____ (2005), “Variétés généalogiques, III – La généalogie d'Antonin le Pieux” in G. Bonamente – M. Mayer, orgs. *Historiae Augustae Colloquium Barcinonense*, n. s. IX, Bari, 107-155.

- ____ (2007), “Variétés généalogiques, IV – Cohésion, collusions, collisions : une autre dynastie antonine” in G. Bonamente – H. Brandt, orgs. *Historiae Augustae Colloquium Barcinonense*, n. s. X, Bari, 123-163
- Chastagnol, A. (1994), “Introduction” in *Histoire Auguste*. Texte traduit et noté par Chastagnol, Paris, A. Coll. Bouquins, Robert Laffont, IX- CLXXXII.
- Cizek, E. (1983), *L'époque de Trajan. Circonstances politiques et problèmes idéologiques*. Paris, Les Belles Lettres.
- Citroni, M. et alii (2005), *Literatura de Roma Antiga*. Tradução de M. Miranda e I. Hipólito. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coarelli, F. (1999), *La colona Traiana*. Roma, Editore Colombo.
- Des Boscs-Plateaux, F. (2006), *Un parti hispanique à Rome? Madrid, Casa de Velazquez*.
- Dubuisson, M. (1991), “Graecus, Graeculus, Graecari: l'emploi péjoratif du nom des Grecs en latin” in S. Said, org. *Ἑλληνισμός: quelques jalons pour une histoire de l'identité grecque*. Leiden, Brill 315-335.
- Esteves, A. M. (2013), “A morte de Nero em Suetônio”, *Calíope* (UFRJ), 26, 8-30.
- Faversani, F. (2007), “Tácito, Sêneca e a historiografia” in F. Joly, ed., *História e retórica, ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Alameda.
- Gaia, D. V. (2010), “Em busca da educação romana: modelos plinianos para o príncipe português Dom Luiz Filipe” in C. Beltrão et al. eds., *A busca do Antigo*. Rio de Janeiro, Nau Editora.
- Garnsey, P. (1968), “Trajan's *Alimenta*: some Problems”, *Historia* 17 367-381.
- Gibbon E. (1989), *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo, Cia das Letras. Original de 1790.
- Guarinello, N. (2013), *História Antiga*. São Paulo, Contexto.
- Grant, M. (1996), *The Antonines. The Roman Empire in Transition*. London, Routledge.
- Grimal, P. (1991), *Marc Aurèle*. Paris, Fayard.
- Gonçalves, A. T. M. (2007), “Rupturas e continuidades: os Antoninos e os Severos”, *Fênix*, 4 Ano IV.1 1-15.
- ____ (2012), “Cômodo e a difícil tarefa de substituir Marco Aurélio: poder e legitimidade”, *Phoenix UFRJ* 18.1, 112-133.
- Gonzalez, J. org. (2000), *Trajano emperador de Roma*. Roma, “L'Erma” di Bretschneider.
- Guey, J. (1966), “De “For des Daces” (1924) au livre de Sture Bolin (1958), guerre et or, et monnaie” in *Mélanges d'archéologie, d'épigraphie, et d'histoire offerts à J. Carcopino*, Paris Hachette 445-475.
- Hammond, M. (1959), *The Antonine Monarchy*. Roma, America Academy in Rome.
- Le Roux, P. (1998), *Le Haut-Empire romain en Occident, d'Auguste aux Sévères*. Paris, Seuil.
- Lefebvre, S. org. (2001), *Rome, ville et capitale de Jules César à la fin des Antonins*. Paris, Vuibert.
- Levi, M. A. (2000), *Adriano, un ventennio di cambiamento*. Bologna, Tascabili Bompiani.
- Levick, B. (2014), *Faustina I and II, Imperial Women of the Golden Age*, Oxford, Oxford University Press.
- Lo Cascio, E. (2000), “Gli *alimenta*, l'agricoltura itálica e l'approvvigionamento di Roma” in El Lo Cascio, *Il Princeps e il suo Impero, Studi di storia amministrativa e finanziaria romana*. Bari, Edipuglia 223-293.
- ____ (1999), “Dai Flavi agli Antonini: Il consolidamento del regime imperiale” in E. Gabba – D. Foraboschi – E. Lo Cascio, E. eds., *Introduzione alla Storia di Roma*. Milano, LED.
- Maquiavel (1883), *Discourses on the First Decade of Titus Livy*. Book 1, London, K. Paul, Trench e Co. Original de 1503.
- Martin, J.-P. (2014). “Les Antonins et les Sévères (96-235 ap.J.-C.)” in J.-P Martin – A. Chauvot – M. Cebeillac-Gervasoni, *Histoire romaine*. Paris, Armand Colin.
- Roman, Y. – Roman D. (2000), *Rome: de la République à l'Empire*. Paris, Elipses.
- Roman, Y (2001), *Empereurs et sénateurs, une histoire politique de l'Empire Romain*. Paris, Payot.
- ____ (2008), *Hadrien, l'empereur virtuose*. Paris, Payot.
- ____ (2013), *Marc Aurèle, l'Empereur paradoxal*. Paris, Payot.
- Sartre, M. (1997), *Le Haut-Empire romain, les provinces de Méditerranée orientale d'Auguste aux Sévères*. Paris, Seuil.
- Schiavone, A. (2005), “O século de ouro” in A. Schiavone, *Uma História Rompida. Roma Antiga e Ocidente Moderno*. São Paulo, Edusp, 15-31.
- Syme, R. (1958), *Tacitus*. Oxford, Oxford University Press.

- _____ (1964), "Hadrian and Italica", *The Journal of Roman Studies*, 54, 142-149.
- _____ (1980), "Guard Prefects of Trajan and Hadrian", *The Journal of Roman Studies*, 70, 64-80.
- _____ (1980), "The Imperial Finances under Domitian, Nerva and Trajan", *The Journal of Roman Studies*, 20, 55-70.
- Veyne, P. (1957-1958), "La table des *Ligures Baebiani* et l'institution alimentaire de Trajan", *M.E.F.R.*, 69, 81-135 e 70, 177- 241.
- _____ (1976), *Le pain et le cirque*, Paris, Seuil.
- _____ (1991), *La Société romaine*, Paris, Seuil.
- _____ (2005), *L'Empire Gréco-Romain*, Paris, Seuil.
- Yourcenar, M. (1951), *Mémoires d'Hadrien*, Paris, Gallimard.
- Winterling, A. (2009), *Politics and Society in Imperial Rome*. Oxford, Wiley Blackwell- Malden, John Wiley and Sons.